

Edição Especial comunicação e pastoral



05 Alberione: carisma da
comunicação para a Igreja
Antonio F. da Silva, ssp

13 O itinerário da pastoral
nos últimos cem anos: de
Alberione a Aparecida
Agenor Brighenti

25 O Comum Digital: as
dimensões conectivas
e o surgimento de um
novo comunitarismo
Massimo Di Felice

35 Comunidade de
comunidades: evangelização
e cultura do encontro
Impulsos para uma
agenda pastoral
Paulo Suess

45 Comunicação: eixo da
ação pastoral da Igreja
Joana T. Puntel, fsp

53 Conversão pastoral:
desafios de renovação
da Igreja
João Décio Passos



168 págs.

O EVANGELHO NA CONTEMPORANEIDADE, UMA EXORTAÇÃO DO PAPA FRANCISCO

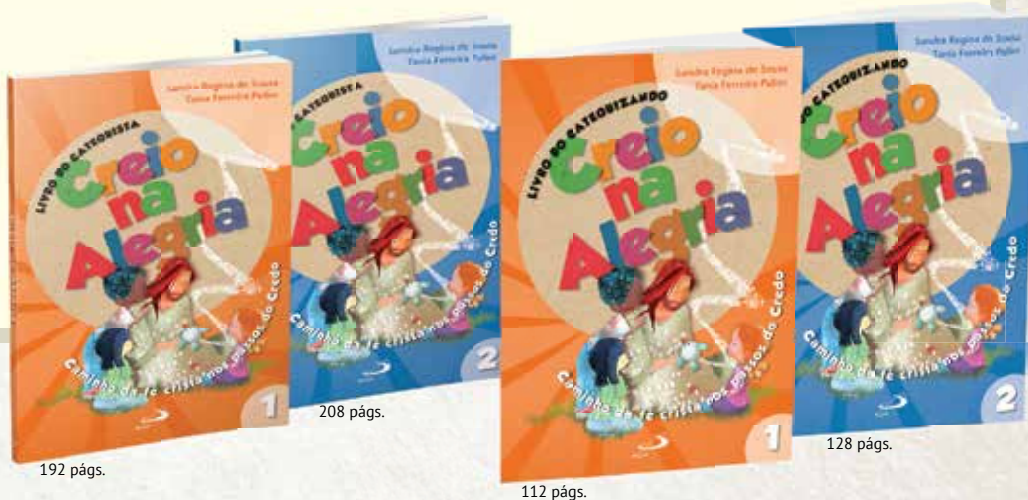
Evangelii Gaudium A alegria do Evangelho

Os novos caminhos da Igreja e as etapas a serem desbravadas pelos fiéis nesse novo momento da humanidade.

O ENSINO DA FÉ COMO FONTE DE ALEGRIA PARA CRIANÇAS

Coleção de catequese CREIO NA ALEGRIA (4 volumes)

A importância da amizade, oração e espiritualidade cristã com músicas, narrativas, poesias e desenhos. Para crianças se sentirem engajadas enquanto aprendem as lições cristãs. Material completo e novo para levar garotos e garotas ao encontro maior com Jesus na Eucaristia.



VENDAS:

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br

pauluseditora.official

editorapaulus

paulus.com.br

100
ANOS
 PAULUS

Caros leitores e leitoras,

Graça e paz!

Nesta edição especial de *Vida Pastoral*, apresentamos o conteúdo do Simpósio de Pastoral e Comunicação, realizado pelos paulinos do Brasil e pela revista, em comemoração ao primeiro centenário de fundação da congregação. A equipe que preparou esse simpósio, com base nas motivações da fundação da Família Paulina, no carisma e na história das instituições fundadas pelo bem-aventurado Tiago Alberione, optou por fazer um simpósio aberto a toda a Igreja e não focado apenas em uma reflexão interna. O carisma da comunicação iniciado por Alberione, a fundamentação e a espiritualidade que lhe dão sentido e sustento são um dom para toda a Igreja, que, como sabemos, vem fazendo grande esforço para progredir no campo da comunicação. Também, o carisma e as fundações nasceram em ligação com a realidade pastoral de toda a Igreja e em decorrência de suas necessidades. Dessa forma, refletir juntamente com representantes dos diversos seguimentos e pastorais eclesiais é fecundo tanto para estes como para a Família Paulina.

A comunicação é transversal a toda a ação pastoral. Não diz respeito somente aos grupos especificamente ligados à pastoral da comunicação ou ao uso de alguns meios e tecnologias. A comunicação é elemento importante na liturgia; na catequese; nas mais diversas pastorais; nas homilias e mensagens escritas ou transmitidas por outros meios; nos planos de pastoral; na forma de constituição de paróquias, se centralizadas ou em redes de comunidade; nas formas de decisão em todas as instâncias eclesiais; nas concepções de Deus, de revelação, de Igreja, de moral, de magistério

etc. A eficácia da ação pastoral da Igreja nos tempos atuais passa pela aplicação da racionalidade comunicativa em todos os seus âmbitos, levando em consideração que o público está imerso nas formas de existência e de compreensão da realidade gerada pela comunicação social.

As intuições carismáticas de padre Alberione e os institutos que ele fundou não nasceram de uma hora para outra. Costumamos dizer que os fundadores e as pessoas visionárias enxergam além de seu tempo, mas isso não se dá por acaso, nem simplesmente por capacidades especiais que outras pessoas não tenham. Dá-se por sensibilidades aos sinais e necessidades dos tempos, como pelo estudo e reflexão, oração. Não é possível perceber as perspectivas futuras sem conhecer bem o presente. As ideias de Alberione quanto à comunicação na Igreja surgiram aos poucos, a partir de seu estudo das encíclicas dos papas que lhe foram contemporâneos, da sociologia, da história e de sua experiência, na primeira fase de seu ministério presbiteral, como padre diocesano preocupado com as dificuldades e desafios pastorais de então. Em sua paróquia, como nas demais paróquias de sua diocese e da Europa, ele encontrou uma pastoral centralizada na administração dos sacramentos e no padre, o típico modelo da “pastoral de conservação”, remanescente da cristandade medieval. Ele percebia que o número de pessoas que frequentavam os templos diminuía. Percebia também a capacidade crescente dos meios de comunicação de chegar às pessoas e formar opinião. Sentiu-se então inspirado a desenvolver suas fundações para, em ligação com toda a pastoral da Igreja, evangelizar com os meios de comunicação e ajudar a desenvolver a atuação eclesial no campo da comunicação. Suas

inspirações ganharam impulso quando seu bispo o fez responsável pelo jornal da diocese. De igual maneira, ainda antes de fundar os paulinos, ele fundou em 1913 a revista *Vida Pastoral*, a qual dirigiu por alguns anos.

No início de seu ministério presbiteral, ele também formou um grupo de reflexão com vários párocos de sua diocese para estudar os problemas e desafios da pastoral, o que resultou em seu livro *Anotações de Teologia Pastoral*, o qual, posteriormente, recomendava com frequência aos membros da Família Paulina, para que firmassem sua identidade pastoral e os vínculos do apostolado de cada instituto com toda a ação pastoral eclesial. Nesse mesmo período, também a partir da experiência, escreveu o livro *A mulher associada ao zelo sacerdotal*, no qual está a base para os institutos femininos posteriormente fundados por ele. Alberione concebeu o apostolado da comunicação como um novo tipo de sacerdócio, por isso incluiu em suas fundações um instituto com o ministério ordenado, mas esse sacerdócio foi pensado para ser exercido pelo conjunto da Família Paulina, assim como a atuação dos leigos na comunicação pastoral é uma forma de exercício do sacerdócio comum dos fiéis.

Naquela época, ainda havia muitas resistências da Igreja em relação aos meios de comunicação, também ainda era significativo o conflito eclesial com a modernidade; “uma parte do clero ainda estava parada nos antigos métodos de vida e pastoral; a outra, convencida da necessidade de sistemas, organizações e iniciativas pastorais atualizadas” (Alberione, AD 49). O fundador, no entanto, dizia que “o mundo caminha, a despeito dos laudato-

res do passado e saudosistas” e que era necessário desenvolver a pastoral com as pessoas que vivem hoje e não com as que viveram há séculos. As iniciativas de padre Alberione, somadas a tantas outras, desembocaram na renovação do Vaticano II, do qual ele participou e contribuiu com uma lista de sugestões, algumas das quais, passando pelo filtro e enriquecimento dos padres conciliares, chegaram até os documentos do Concílio. A promulgação do Decreto *Inter Mirifica*, do Vaticano II, reconhecendo e conclamando à evangelização com os meios de comunicação, foi uma grande alegria para ele e para toda a Família Paulina. Também foi de muita alegria o momento solene de audiência com o papa Paulo VI, em julho de 1969, na qual, dentre outras coisas, o papa diz: “Ele realizou, *ante et post litteram*, muitos postulados do Concílio Ecumênico no campo das comunicações sociais. De bom grado brindamos um reconhecimento, elogio e encorajamento. [...] Devemos ao vosso fundador, aqui presente, ao caro e venerado padre Alberione, a construção do vosso monumental Instituto”.

Tendo presente tudo isso e a necessidade de reflexão e aprofundamento quanto à relação entre pastoral e comunicação e quanto à realidade e desafios do tempo atual e do futuro nesse campo, o simpósio e este número de *Vida Pastoral* reuniram estudiosos em pastoral, comunicação, sociologia, teologia, missiologia e do carisma paulino, buscando luzes e inspirações para a atuação neste tempo de constantes transformações e revoluções. ●

Pe. Jakson Alencar, ssp
Editor

Editora PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO
Diretor Pe. Claudiano Avelino dos Santos
Editor Pe. Jakson F. de Alencar – MTB MG08279JP
Conselho editorial Pe. Jakson F. de Alencar, Pe. Zulmiro Caon, Pe. Claudiano Avelino, Pe. Manoel Quinta, Pe. Paulo Bazaglia, Pe. Darci Marin
Ilustrações internas Luís Henrique Alves Pinto
Editoração Fernando Tangi

Revisão Tiago J. Risi Leme
Assinaturas assinaturas@paulus.com.br
(11) 3789-4000 • FAX: 3789-4011
Rua Francisco Cruz, 229
Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP
Redação © PAULUS – São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184
vidapastoral@paulus.com.br
www.paulus.com.br / www.paulinos.org.br
vidapastoral.com.br

Vida Pastoral – Assinaturas

A revista Vida Pastoral é distribuída gratuitamente pela Paulus. A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas postais e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contribuição espontânea para a manutenção da revista. Para os que já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados também o código de assinante.

Para contato:

E-mail: assinaturas@paulus.com.br

Tel.: (11) 3789-4000

Fax: (11) 3789-4004

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados e cópia de comprovante de depósito da contribuição para despesas postais para: Revista Vida Pastoral – assinaturas
Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro
04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:

Banco do Brasil: agência 0646-7, conta 5555-7

Bradesco: agência 3450-9, conta 1139-8

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de setembro, 61 –
Campina – (91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRÁSILIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco I – Edifício
Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasil@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Praça Dom Adauto, S/N
Junto à Cúria – Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Av. 7 de Setembro, 80
Rel. de S. Pedro
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saolu@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracas@paulus.com.br

SÃO PAULO – RAPOSO TAVARES

Via Raposo Tavares, Km 18,5
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrol Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br

Em busca de uma nova catequese

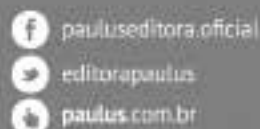
COM INSPIRAÇÃO CATECUMENAL

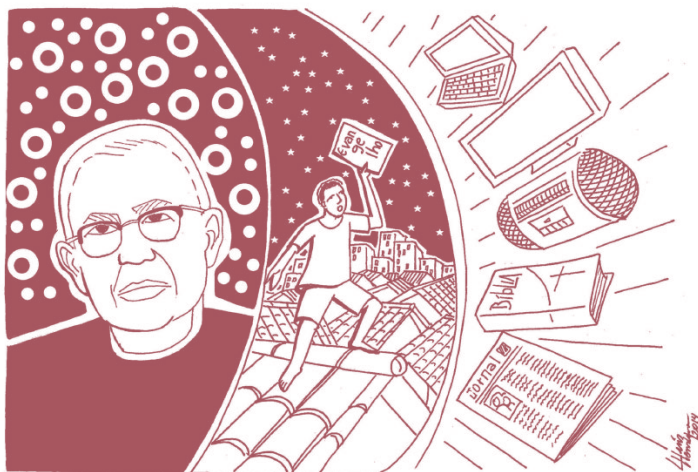


Os manuais de catequese **Nossa vida com Jesus (Eucaristia)** e **Confirmados na fé (Crisma)** visam formar verdadeiros discípulos, conhecedores da Palavra, por meio de roteiro para encontros adaptados e elencados aos catequistas, segundo as necessidades e condições da faixa etária do catequizando e as orientações mais atuais da Igreja.

VENDAS:

11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br





Alberione: carisma da comunicação para a Igreja

Antonio F. da Silva, ssp*

No início do século XX, na Itália, leigos católicos aspiravam a uma renovação evangélica, para que a Igreja voltasse a ser ação e vida, segundo o Espírito de Cristo. O movimento futurista, por sua vez, intuía as grandes transformações do mundo, que as invenções modernas iriam causar, consagrando como nova beleza a velocidade. Enquanto isso, o jovem Tiago Alberione se preparava para um sacerdócio diferente, por meio do estudo da reflexão e da experiência pastoral. Queria promover o exercício de uma pastoral atualizada, feita por homens e mulheres, capazes de pôr as invenções modernas a serviço do Evangelho. Anos mais tarde, quando as instituições da Família Paulina já estavam consolidadas, Paulo VI reconheceu: “O nosso padre Tiago Alberione deu à Igreja novos instrumentos para se comunicar, novos meios para dar vigor e vastidão ao seu apostolado, nova capacidade e nova consciência do valor e da possibilidade da sua missão no mundo moderno e com meios modernos”.

* Padre paulino; fez mestrado em Teologia, com especialização em Espiritualidade, na Universidade Gregoriana (Roma); pertenceu ao Centro de Espiritualidade da Família Paulina, em Ariccia e Roma, onde por três decênios se dedicou ao estudo dos escritos e da preparação da obra completa do bem-aventurado Tiago Alberione. Por vários anos deu curso sobre o pensamento, a pessoa e o carisma do padre Alberione, no Curso de Formação sobre o Carisma da Família Paulina, em Roma. Foi postulador geral da Família Paulina. E-mail: antfrasilva@gmail.com.



A vida do bem-aventurado Tiago Alberione transcorreu entre 1884 e 1971. Teve como terra natal a região do Piemonte, na Itália, e como raiz eclesial a diocese de Alba. Na paróquia de São Martinho, em Cherasco, e nos seminários de Bra e Alba, recebeu a típica formação eclesial da época, feita de assimilação dos valores da tradição e, ao mesmo tempo, não isenta de fechamento às tendências da atualidade.

1. Postulados carismáticos de padre Alberione

Ao concluir a formação seminarística e ser ordenado sacerdote, em 1907,¹ Tiago Alberione surpreende pela abertura ao tempo presente, polarizada em algumas escolhas que constituem verdadeiros postulados carismáticos de sua missão.

1.1. O postulado da modernidade

No memorial do itinerário da fundação da Pia Sociedade de São Paulo, de 1914 até 1949, ano da aprovação pontifícia definitiva, padre Tiago Alberione podia afirmar ponderadamente: “O Instituto [...] segue os tempos, inspira-se em uma sã modernidade”.² Essa afirmação teria sido problemática se enunciada nos primeiros tempos da fundação. De fato, Tiago Alberione se formou e iniciou sua obra em meio ao conflito entre a Igreja e a sociedade moderna.

Não se conhece o movente pelo qual o progresso das ciências e as possibilidades oferecidas pelas novas invenções encontraram no jovem Alberione uma sintonia inata.

“Tiago Alberione se formou e iniciou sua obra em meio ao conflito entre a Igreja e a sociedade moderna.”

1.2. O postulado da atualidade pastoral

Em seus memoriais, Alberione descreve como se encontrou em meio ao fogo cruzado de duas correntes opostas do clero: “Uma parte ainda parada nos antigos métodos de vida e pastoral; a outra, convencida da necessidade de sistemas, organizações e iniciativas pastorais atualizadas”³ (AD 49).

Ao término da formação, Tiago Alberione se sente chamado a realizar o sacerdócio ministerial, usando os meios mais aptos, oferecidos pela modernidade, para responder às necessidades pastorais da atualidade.

1.3. O postulado paulino

Leão XIII, por ocasião da passagem entre o século XIX e o século XX, publicou a Encíclica sobre Jesus Cristo Redentor, conhecida pelas palavras iniciais como *Tametsi futura*.⁴ Alberione declara ter assumido esse documento como herança sagrada.

O papa inicia a encíclica analisando a situação no final de século XIX à luz do primeiro capítulo da Carta de São Paulo aos Romanos. Propõe como tarefa para a Igreja do século XX a missão de “reunir todas as coisas em Cristo Caminho, Verdade e Vida” (cf. Ef 1,10; Jo 14,6).

Na noite de 31 de dezembro de 1900, durante a solene adoração eucarística na catedral de Alba, foi lida também a *Tametsi futura*. O jovem Alberione sentiu dirigidas a si as palavras de Jesus no Evangelho: “Venham a mim,

1 AA.VV., *Conoscere don Alberione (1884-1907). Strumenti per una biografia*, Roma, Centro di Spiritualità Paolina, 1994, p. 321.

2 A. F. DA SILVA, *Ser São Paulo vivente hoje*, pro manuscrito, São Paulo, p. 71.

3 Cf. T. ALBERIONE, *Abundantes divitiae gratiae suae, História carismática da Família Paulina*, Paulus, 2000 (=AD).

4 R. ESPOSITO, *L'Enciclica Tametsi futura e la notte eucaristica del secolo*, San Paolo, 2000.



todos vocês que andam cansados e curvados pelo peso do fardo, e eu lhes darei descanso” (Mt 11,28). Sentiu também que Deus estaria chamando muitos outros para trabalhar com ele na missão de evangelizar, usando as modernas invenções da comunicação.

É interessante notar como o estudo e a meditação levaram Alberione a entrever que a melhor interpretação da *Tametsi futura* apresenta Cristo através da personalidade e das cartas de São Paulo. Este mostra Jesus “como doutor, hóstia e sacerdote; apresenta-nos o Cristo total, como ele mesmo já se definira: Caminho, Verdade e Vida” (cf. AD 159-160).

1.4. O postulado da ação pastoral da mulher

Sensível às necessidades do momento, Alberione orientou-se decididamente a valorizar a importância da mulher na ação pastoral: “O nosso é o século XX; nele, nos toca viver e agir. [...] Sejam os de nosso tempo, e façamos com que a mulher seja de nosso tempo”.⁵

2. Alberione e dois grandes mestres de pastoral

Alberione escreveu que, naquela noite de adoração eucarística, “sentiu-se profundamente obrigado a preparar-se para fazer algo pelo Senhor e pelos homens do novo século com os quais viveria” (AD 15).

Foi providencial, para o longo trabalho de preparação de Alberione, começado em 1900, encontrar um válido instrumento de síntese na obra de dois mestres de pastoral: “Quanto ao caráter pastoral no apostolado paulino, tomou muito de dois grandes mestres: Swoboda, *Cura de almas nas grandes*

cidades;⁶ e Krieg, *Teologia Pastoral*, 4 volumes, que leu e releu durante dois anos”.⁷

Fundamental para Alberione, a obra de Swoboda veio ao encontro desse postulado da atualidade pastoral. Trata-se, de fato, não apenas de esplêndido exemplo de aplicação da Sociologia à Pastoral, mas também de um estudo de Teologia Pastoral animado por grande competência e zelo apostólico.

As obras de Cornélio Krieg tiveram como referência o conceito de enciclopédia⁸ caro a padre Alberione e ao cônego Francisco Chiesa. Querem apresentar toda a pastoral unificada segundo as três funções salvíficas de Cristo, consideradas à luz de Cristo Caminho, Verdade e Vida⁹.

O ensinamento de Krieg marcou profundamente a personalidade e toda a obra de Alberione, até mesmo em relação ao projeto da Família Paulina.¹⁰

3. A Família Paulina¹¹ – homens e mulheres para a comunicação pastoral¹²

6 E. SWOBODA, *A cura de almas nas grandes cidades, Estudo de Teologia Pastoral*, Roma: Livreria Pontificia de F. Pustet, 1912, p. 390.

7 C. KRIEG, *Ciência Pastoral, Teologia Pastoral em quatro livros*. Versão autorizada a partir da 1ª edição alemã por Antônio Boni. Livro I. *Cura especial de almas*, Turim: Cav. Pedro Marietti Editor, 1913, p. 652; Livro II. *Catequética, ou ciência do catecumenato eclesiástico*, *idem*, 1915, p. 586; Livro III. *Homilética, ou ciência da evangelização da Palavra de Deus (livro póstumo)*, *idem*, 1920, p. 514. Como se nota, somente três volumes estiveram à disposição de padre Alberione.

8 C. KRIEG, *Enciclopédia científica e metodologia das ciências teológicas*, Roma: Livreria Ecl. Editora Cav. Ernesto Coletti, 1913, p. 392.

9 C. KRIEG, *Enciclopédia científica...*, p. 326–327.

10 Cf. A. F. DA SILVA, “Cristo Caminho, Verdade e Vida, centro da vida, da obra e do pensamento de Padre Tiago Alberione”, em AA.VV., *A herança cristocêntrica de padre Alberione*, Cinisello Balsamo (Milão): San Paolo, 1989, p. 250.

11 AA.VV., *Dare al mondo Gesù Cristo Via e Verità e Vita, Progetto unitario di Famiglia Paulina*, Roma, 19 de março de 2001, p. 232.

12 AA.VV., *Donne e uomini oggi al servizio del vangelo*, Roma: Edizioni Centro Spiritualità Paulina, 1993, p. 358.

5 T. ALBERIONE, *A mulher associada ao zelo sacerdotal*. Para o clero e para a mulher, Paulus, 2011, p. 249. A sigla oficial do livro é DA, em virtude do título italiano: *La donna associata allo zelo sacerdotale. Per il clero e per la donna*, Alba, Scuola Tipografica “Piccolo Operaio”, 1915, p. 342.



Conhecido como “senhor teólogo”, Alberione, além do ministério de diretor espiritual do Seminário de Alba, assume o ensino de Teologia Pastoral, que lhe dá a ocasião de publicar duas obras programáticas, que contêm os frutos de sua preparação para as futuras fundações.

3.1. Anotações de Teologia Pastoral

A edição de 1912 de Anotações de Teologia Pastoral (= ATP) foi publicada principalmente como apostila para as aulas de pastoral. Depois de ser atentamente melhorada, veio à luz pelo editor pontifício Pietro Marietti, em 1915.¹³

Trata-se de manual prático para ajudar os jovens sacerdotes a assumir o trabalho pastoral nas paróquias, indicando outros autores para uma visão mais teórica.

O livro contém três partes, articuladas como fundamento, aplicação e atuação.

Na primeira parte, “Os fundamentos do zelo”, padre Alberione põe como base da ação pastoral a formação da personalidade do pastor ou apóstolo, que deve ter como programa de vida a tríple referêcia: Eu – Deus – Povo (p. 1).

A este tríple fundamento corresponde uma tríple referêcia, ou seja, ciência – santidade – apostolado: “O sacerdote, portanto, não é simples sábio; não é também um simples santo; mas é um sábio-santo, que se serve da ciência e da santidade para se tornar apóstolo, isto é, para salvar as almas” (p. 2).

Colocado o fundamento do zelo na primeira parte de ATP, padre Alberione passa a aplicar as aquisições aí obtidas para descrever a ação pastoral nos quatro preciosos capí-

tulos da segunda parte: “Sobre a cura pastoral e seus meios gerais”. Alberione serve-se da definição dada por Swoboda, que identifica a ação pastoral com o mesmo ministério de Jesus Cristo: “O que é. – É a ação de Jesus Cristo e da sua Igreja, exercida pelo sacerdócio para a salvação das almas” (p. 81).

Posto em evidência o “que” da ação pastoral, identificando-a com ação de Cristo, e apontados os primeiros princípios que dela decorrem, padre Alberione dá as indicações para que a ação da Igreja, através da comunidade sacerdotal, possa atualizar o tríple ministério de Cristo. Para o presente trabalho, merece atenção especial a exortação sobre a importância de dar endereço moderno às obras:

O mundo caminha, a despeito dos laudatores temporis anteacti [saudosistas] [...] e o sacerdote que assume uma posição contrária a essas boas novidades perderia a estima e o afeto do povo, sobretudo do grupo culto. [...] Nossa obrigação é conduzir as almas ao paraíso, não aquelas que viveram há dez séculos, mas aquelas que vivem hoje. É necessário que o mundo e os homens sejam assumidos como são hoje, para fazer o bem hoje (p. 91).

Nos nove capítulos que compõem a terceira parte de ATP, “Sobre algumas particulares próprias do zelo sacerdotal”, padre Alberione trata dos sacramentos da confissão e da comunhão, da liturgia, da pregação, do catecismo, das devoções, da Ação Católica e suas obras, das vocações religiosas, da organização das festas e da construção das Igrejas.

Pode-se entrever o caráter programático do livro em relação às futuras fundações de padre Alberione, pelo fato de dedicar um dos últimos capítulos às vocações religiosas (p. 354-358).

**“O mundo caminha,
a despeito dos
saudosistas.”**

13 G. Alberione, *Appunti di Teologia Pastorale, Pratica del ministero sacerdotale per il giovane clero*, Turim: P. Marietti, 1915, p. I-X e 1-318 (= ATP). Cf. T. Alberione, *Anotações de Teologia Pastoral*, São Paulo: Paulus, 2012.



3.2. A mulher associada ao zelo sacerdotal

O tema do zelo percorre como fio condutor todo o livro ATP. Mas padre Alberione achou importante reservar para outro livro a aplicação do zelo sacerdotal à necessidade de abrir espaço à mulher na ação pastoral. Por esse motivo, atesta que, logo depois da ordenação sacerdotal, começou a redação do livro *A mulher associada ao zelo sacerdotal* (= DA), publicado em 1915.

As três partes do livro estão em perfeito paralelo com as de ATP. Põe os fundamentos na primeira parte: “A mulher pode e deve tornar-se cooperadora do zelo sacerdotal”. A segunda parte: “Em que obras a mulher, nos dias de hoje, pode colaborar com o zelo sacerdotal”. Expõe o perfil da atuação da mulher na ação pastoral. Merecem destaque aqui as encorajantes considerações de Alberione sobre o que a mulher pode realizar na ação pastoral por meio da imprensa. Terceira parte: “Como pode o sacerdote formar e dirigir a mulher em sua missão”. É um vade-mécum que ajuda os sacerdotes a pôr em prática a atuação da mulher na ação pastoral. É ao mesmo tempo um forte convite: “Formemo-nos para o conveniente cuidado pastoral da mulher, com estudo e com ardente piedade” (p. 223).

Orientado a abrir espaço para a ação pastoral da mulher, como fez em ATP, Alberione termina o livro escrevendo sobre as religiosas. Afirma: “Com razão, foram chamadas irmãs do zelo sacerdotal” (p. 331).

3.3. “Escritores, técnicos e propagandistas, porém religiosos e religiosas” (AD 24)

Depois de longa preparação e amadurecimento, padre Tiago Alberione recebeu um convite do bispo como sinal de Deus que indicava o tempo de iniciar a missão de traba-

lhar com a imprensa e dar início às suas fundações. Em 8 de setembro de 1913, de fato, Dom Francisco Re o convidou para assumir a direção do jornal *Gazzetta d’Alba*. Imediatamente, ainda em 1913, Alberione deu início também à revista *Vida Pastoral*.

Em 26 de julho de 1914, comprou as máquinas tipográficas e alugou alguns locais no centro de Alba. Estando convencido, porém, de que as obras de Deus são realizadas por pessoas de Deus, em 20 de agosto reuniu os primeiros jovens, embrião da futura Pia Sociedade de São Paulo.

Em 15 de junho, padre Alberione deu início à Oficina de costura, para as Alunas da Escola Tipográfica, primeiro núcleo da futura Pia Sociedade Filhas de São Paulo. Em 1917, elas abriram a primeira livraria. No fim de 1918, um pequeno grupo dessas jovens entra no vivo do carisma da comunicação, sendo enviadas a Susa, onde prodigiosamente fazem renascer o jornal diocesano *La Valsusa*.

Os ramos masculino e feminino das primeiras fundações de padre Alberione se desenvolveram rapidamente em número de pessoas e de publicações. Vivia-se um clima de entusiasmo apostólico. Todos estavam convencidos de que responder com publicações à sede popular de ler era tornar-se “São Paulo redivivo”, pois diziam: “Se ele vivesse hoje, seria jornalista”.

Segundo Krieg, na pessoa do sacerdote há três vocações especiais: uma para anunciar, uma para celebrar, uma para catequizar. Padre Alberione quis que essa tríplice função sacerdotal fosse assumida como pastoral de conjunto por sua família religiosa, atribuindo cada “vocação especial” ou função salvífica, não a uma só pessoa, mas a uma inteira congregação. Foi assim que sentiu a exigência de fundar, em 1924, as Pias Discípulas do Divino Mestre, e, em 1938, as Irmãs de Jesus Bom Pastor ou Pastori-nhas. Atribuiu a função do Anúncio, expressa no título de Cristo Verdade ou Mestre, princi-



palmente à Sociedade de São Paulo e às Filhas de São Paulo. A função da Liturgia, expressa no título de Cristo Vida ou Sacerdote, especialmente às Pias Discípulas. A função da Catequese, expressa no título de Cristo Caminho ou Pastor, especialmente às Irmãs Pastorinhas (Cf. AD 33-34).

Mais tarde, padre Alberione fundou o Instituto das Irmãs Apostolinas, quatro institutos de vida secular consagrada, e deixou encaminhada a fundação de um instituto para a família. Essas fundações, juntamente com a associação dos cooperadores paulinos, constituem a Família Paulina, chamada a viver e dar Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida.

3.4. Alberione deu à Igreja novos meios para se comunicar

Desde os inícios da fundação, reinava na Família Paulina verdadeiro entusiasmo pelas invenções da modernidade. Exaltava-se a imprensa como “rei dos tempos”.¹⁴ As máquinas tipográficas postas a serviço da evangelização inspiravam aos paulinos a composição de um novo cântico das criaturas: “Estas máquinas maravilhosas se tornam queridas e veneráveis, como é sagrado e venerável o púlpito para o orador sagrado. Como são belas as máquinas destinadas aos evangelizadores do bem!”.

Alberione proclamava a urgência de servir-se dos meios mais céleres para uma nova evangelização: “O mundo precisa de uma nova, longa e profunda evangelização. [...] O meio adequado não pode fornecê-lo senão a imprensa, e apóstolos zelosos não os podem

dar senão a juventude”.¹⁵

Os jovens e as jovens se deixavam conquistar por esse ideal, e numerosos entravam a fazer parte da Família Paulina. Padre Alberione sentiu a necessidade de lhes ofe-

“Estas máquinas maravilhosas se tornam queridas e veneráveis, como é sagrado e venerável o púlpito para o orador sagrado.”

recer um vade-mécum formativo. O livro *Apostolado da imprensa*¹⁶ (1933) traça a *ratio formationis* do apostolado paulino. Oferece um rico quadro de referência teológico e espiritual, que serve para desenvolver uma ação apostólica com os meios modernos.¹⁷ O texto foi reelaborado e publicado em 1944, com o título *O*

*apostolado da edição*¹⁸.

Como síntese do espírito pastoral desses dois manuais, podemos considerar parte do texto publicado no boletim interno sobre o apostolado da imprensa:

O apostolado-imprensa é, como o apostolado-palavra, a pregação, explicação e aplicação da divina verdade aos povos.

Este pede, portanto: a mesma preparação, as mesmas disposições, os mesmos meios. Dirigir um periódico é bem diferente de fazer um artigo ou livro, ou colaborar numa revista.

O segredo da direção não é apenas dirigir: requer mente, alma e coração sacerdotal que decididamente caminha para o céu e indica o caminho, inovando e atrain-

14 G. Borgna, *Il Re dei tempi. Mano alla Stampa*, Asti: Premiata Scuola Tipografica Michelerio, 1914.

15 Cf. *Unione Cooperatori Buona Stampa*, anno IX, n. 8, 20 de Agosto de 1926, p. 3.

16 G. Alberione, *Apostolato stampa*, Alba: Pia Società San Paolo, 1933, p. 170.

17 R. Esposito, *La teologia della pubblicistica secondo l'insegnamento di G. Alberione*, Roma: Edizioni Paoline, 1972, p. 224.

18 G. Alberione, *L'apostolato dell'edizione, Manuale direttivo di formazione e di apostolato*, Alba: Tip. Pia Società delle Figlie di San Paolo, 1944, p. 487.



do consigo uma multidão de almas. A mente bem iluminada brilha como lâmpada colocada no alto para iluminar a quanto se encontram na casa do Pai. Um coração cheio de graça entra nos corações como fermento evangélico colocado no meio da massa. Uma vida ardente toda para Deus realiza o mandamento do Mestre, e resplandece diante dos homens que veem as boas obras e glorificam o Pai celeste. [...] Dirigir verdadeiramente à maneira de Jesus Cristo, inteiramente, tornando-nos caminho, verdade e vida!¹⁹

Respondendo ao chamado de Deus, padre Alberione assim codificou, nas Constituições, a missão da Pia Sociedade de São Paulo:

Os membros trabalhem com todas as forças para a glória de Deus e a salvação das almas... especialmente com o apostolado das edições, isto é, com a imprensa, o cinema e o rádio, e com os outros meios mais frutuosos e mais rápidos, quais são as invenções que o progresso humano fornece e que as necessidades e condições dos tempos requerem. Cuidem, portanto, os superiores que não se deixe para a ruína dos homens coisa nenhuma de tudo aquilo que, por disposição de Deus, o progresso inventou no campo das ciências humanas e da técnica industrial (Art. n. 2).

Cuidado especial de Alberione foi a publicação de Bíblias, livros de catequese, liturgia e patrística. Foram 23 as revistas por ele fundadas, algumas com edições em várias partes do mundo.

Em 1936, padre Alberione se orienta para dar início ao apostolado do cinema. Em 4 de dezembro de 1938, o filme *Abuna Messias*, filmado na Etiópia pela São Paulo Filmes, obtém o prêmio Leão de Ouro, na Exposição Cinematográfica de Veneza, mas sua

divulgação foi duramente comprometida pela guerra.

Não obstante as grandes dificuldades do pós-guerra, padre Alberione deu grande impulso ao trabalho pastoral através do cinema. Em agosto de 1950, começou a filmagem de *Mater Dei*, que foi o primeiro filme totalmente a cores produzido na Itália, totalmente restaurado pelo Centro Experimental de Cinematografia italiano²⁰. Foram produzidos documentários catequéticos e filmes bíblicos como *O Filho do Homem*, *A Bíblia*, *Os Patriarcas*, *Jacó: o homem que lutou com Deus*, *Os grandes guias*, *Saul e Davi*, *Gedeão e Sansão*.

Para oferecer diversão sadia, especialmente na Itália, a São Paulo Filmes comprou e pôs em circulação 400 filmes, distribuídos através de 35 agências e 45 subagências próprias, que serviam a cerca de 3.000 salas cinematográficas.

A partir de 1958, padre Alberione quis desenvolver novo setor de apostolado por meio da produção de discos e audiovisuais.

Ao terminar a primeira visita às comunidades paulinas do Brasil, em 1946, padre Alberione deixou escritas algumas orientações. Numa delas, destaca a urgência de iniciar o apostolado de um jornal diário e do rádio: “A iniciativa do jornal quotidiano ou do rádio (ou de ambos) é considerada como tempestiva e da máxima importância para o Brasil”.

Na realidade, tal apostolado ou ação pastoral por meio do rádio só teve início anos depois, graças a seu apoio também econômico: Rádio Cultura da Bahia (1966) e Rádio Bahia (1967), na Bahia; Rádio América, na cidade de São Paulo (1967); Rádio Vera Cruz, no Rio de Janeiro (1967); Rádio 9 de Julho, em São Paulo (1968); Rádio Olinda, em Pernambuco (1971); Rádio Carioca, no Rio de Janeiro (1981). Em 2000, teve início a Rede PAULUS SAT, com 51

20 AA.VV., *Mater Dei, storia e rinascita del primo film italiano a colori*, Roma: Fondazione Centro Sperimentale di Cinematografia, 2005, p. 176.

19 *San Paolo*, n. 6, 15 dicembre 1934.



emissoras afiliadas em todo o Brasil.

Como o apóstolo Paulo, Alberione queria chegar aos confins da Terra como comunicador do Evangelho. E de fato, por várias vezes, visitou as comunidades paulinas no mundo inteiro.

Nos inícios do último decênio de sua vida, padre Alberione presenciou e seguiu atentamente os trabalhos do Concílio Vaticano II.²¹ Suas propostas à Comissão pré-conciliar foram vinte e quatro. Entre elas: pedido de declaração da mediação universal de Maria; orientação pastoral nos estudos teológicos; renovação litúrgica e catequese; formação do clero secular e religioso; instituição de um dicastério para o uso dos meios de comunicação na evangelização.

Algumas de suas sugestões, passando através do filtro e enriquecimento dos padres conciliares, chegaram até os documentos conciliares. Grande consolação foi para ele o Decreto *Inter Mirifica*, de 4 de dezembro de 1966. Depois da promulgação, ele publicou na edição italiana de *Vida Pastoral* um artigo intitulado: “A máxima aprovação do apostolado paulino”. Aí escreve: “O apostolado das edições, o nosso apostolado, foi aprovado, louvado e estabelecido como dever para toda a Igreja: imprensa, cinema, rádio, televisão e similares”.²²

21 A. Damino, *Don Alberione al Concilio Vaticano II, Proposte, Interventi e "Appunti"*, Roma, 1994, p. 240.

22 Cf. G. Alberione, *Vita Pastorale*, janeiro de 1964, p. 1ss.

Momento solene para toda a Família Paulina foi o reconhecimento eclesial da missão do padre Alberione, na audiência do dia 28 de junho de 1969, quando Paulo VI disse:

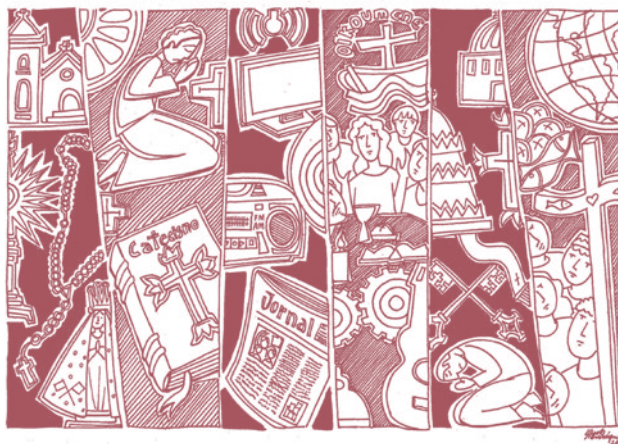
A Pia Sociedade de São Paulo, com as diversas ramificações e com o volume da sua produção e habilidade da sua irradiação, tornou-se tão grande e vital que constitui um fato notável na vida da Igreja neste

século. Ela realizou, ante et post litteram, muitos postulados do Concílio Ecumênico no campo das comunicações sociais. De bom grado brindamos um reconhecimento, elogio e encorajamento. [...] Devemos ao vosso fundador, aqui presente, ao caro e venerado padre Alberione, a construção do vosso monumental instituto. Em nome de Cristo, nós lhe agradecemos e o abençoamos. Ei-lo: humilde, silencioso, incansável, sempre vigilante, recolhido nos seus pensamentos, que correm da oração à obra (segundo a fórmula tradicional: ora et labora), sempre dedicado a perscrutar os “sinais dos tempos”, isto é, as formas mais geniais para se chegar às almas, o nosso padre Tiago Alberione deu à Igreja novos instrumentos para se comunicar, novos meios para dar vigor e vastidão ao seu apostolado, nova capacidade e nova consciência sobre o valor e a possibilidade da sua missão no mundo moderno e com meios modernos. ●

Em nome de Cristo, nós lhe agradecemos e o abençoamos. Ei-lo: humilde, silencioso, incansável, sempre vigilante, recolhido nos seus pensamentos, que correm da oração à obra (segundo a fórmula tradicional: ora et labora), sempre dedicado a perscrutar os “sinais dos tempos”, isto é, as formas mais geniais para se chegar às almas, o nosso padre Tiago Alberione deu à Igreja novos instrumentos para se comunicar, novos meios para dar vigor e vastidão ao seu apostolado, nova capacidade e nova consciência sobre o valor e a possibilidade da sua missão no mundo moderno e com meios modernos.

Conheça nossa
página na internet
vidapastoral.com.br





O itinerário da pastoral nos últimos cem anos: de Alberione a Aparecida

Agenor Brighenti*

Nos últimos cem anos, a pastoral percorreu um longo itinerário. No período pré-conciliar, plasmaram-se modelos como a pastoral de conservação e a pastoral de neocristandade, vigentes nas origens da obra de padre Alberione. Suas iniciativas, somadas a tantas outras, desembocaram na renovação do Vaticano II e da tradição libertadora latino-americana, gestaram novos modelos de pastoral, como a pastoral orgânica e de conjunto e a pastoral de comunhão e participação. Nas últimas décadas, com a crise da modernidade, voltou com força a pastoral de neocristandade e, com a irrupção de uma religiosidade eclética e difusa, uma pastoral secularista. Diante disso, Aparecida vai conclamar a Igreja a continuar a renovação do Vaticano II e da tradição latino-americana, através de uma pastoral de conversão missionária.

*Presbítero da diocese de Tubarão-SC, professor e coordenador do mestrado e doutorado em Teologia na PUC de Curitiba, professor visitante na Universidade Pontifícia do México e no Instituto Teológico-Pastoral do CELAM. Membro da Equipe de Reflexão Teológica do CELAM. E-mail: agenor.brighenti@pucpr.br.

A obra do padre Alberione teve seu início em 1914; portanto, há exatamente 100 anos. Naquele momento, a Igreja, ainda prisioneira de uma mentalidade de cristandade, se propunha a reconquistar a sociedade moderna, emancipada de sua tutela, através de uma “pastoral de neocristandade”.

O papa Pio X e a “crise modernista” são referenciais desse período. Padre Alberione, entretanto, mesmo atrelado à conjuntura de seu tempo, entendia a pastoral como resposta aos novos desafios da sociedade emergente, especialmente no mundo urbano, à luz do Evangelho de Cristo “Caminho, Verdade e Vida”. Tratava-se de uma perspectiva pioneira, que, junto de outras oriundas do catolicismo social, depois acolhidas pela *Rerum Novarum*, iria desembocar na renovação do Vaticano II, que superou tanto a “pastoral de conservação” do período de cristandade, como a pastoral de corte apologetico, de neocristandade.

Na América Latina, a obra de padre Alberione iria encontrar solo fértil para fazer frutificar a “boa imprensa” ou o “apostolado da edição”, como serviço à causa do Evangelho, num mundo secular e pluralista. A Conferência de Medellín (1968), ao fazer uma “recepção criativa” do Concílio Vaticano II, propôs uma “nova evangelização”, a ser levada a cabo por comunidades eclesiais inseridas profeticamente no seio da sociedade, à luz da opção pelos pobres. Na sequência, Puebla ratificou essa perspectiva e Santo Domingo mostrou a exigência de uma “conversão pastoral” para levar adiante a renovação do Vaticano II. Mais recentemente, Aparecida, resgatando Medellín, ressaltou a urgência da superação da “pastoral de conservação”, de cristandade, bem como da “pastoral de neocristandade”, condição para uma Igreja mis-

sionária, samaritana e profética, promotora do Reino da Vida, sob o protagonismo dos leigos, em especial das mulheres.

1. Padre Alberione e a pastoral de seu tempo

“Na pastoral de conservação, o administrativo predomina sobre o pastoral; a sacramentalização sobre a evangelização; a quantidade sobre a qualidade.”

O início do século XX, momento histórico do nascimento da obra de padre Alberione, era um tempo marcado por profundas mudanças: a passagem de uma sociedade agrária, rural e medieval à civilização industrial, moderna e urbana. No campo eclesial, dava-se a passagem da pastoral de conservação, de cristandade, para uma pastoral de neocristandade, de corte apologetico e de embate com o mundo moderno.

1.1. Padre Alberione e a pastoral de conservação

O ministério presbiteral de padre Alberione começou como vigário paroquial, em sua diocese italiana de Alba. Em sua paróquia, tal como nas demais paróquias de sua diocese e da Europa naquele momento, ele encontrou uma pastoral centralizada na administração dos sacramentos e no padre, o típico modelo da “pastoral de conservação”, oriundo da cristandade medieval.

A pastoral de conservação

Assim denominada por Medellín (Med. 6,1) e lembrada por Aparecida (DAP 370), é um modelo de pastoral plasmado em dois momentos distintos: em sua configuração pré-tridentina, a prática da fé é de cunho devocional, centrada no culto aos santos e composta de procissões, romarias, novenas, milagres e promessas, práticas típicas do ca-

tolicismo popular medieval; em sua configuração tridentina, a vivência cristã gira em torno do padre, baseada na recepção dos sacramentos e na observância dos mandamentos da Igreja.

Resquício de uma sociedade teocrática e asentada sobre o denominado “substrato católico” de uma cultura rural estática, a pastoral de conservação pressupõe que os cristãos já estejam evangelizados, quando na realidade trata-se de católicos não convertidos, sem experiência pessoal da fé. Consequentemente, não há processos de iniciação cristã, catecumenato ou catequese permanente. A recepção dos sacramentos salva por si só, concebidos e acolhidos como “remédio” ou “vacina espiritual”. A paróquia é territorial e, nela, em lugar de fiéis, na prática, há clientes que acorrem esporadicamente ao templo, para receber certos benefícios espirituais fornecidos pelo clero.

Na pastoral de conservação, o administrativo predomina sobre o pastoral; a sacramentalização sobre a evangelização; a quantidade ou o número dos adeptos sobre a qualidade; o pároco sobre o bispo; o padre sobre o leigo; o rural sobre o urbano; o pré-moderno sobre o moderno; a massa sobre a comunidade. São elementos que caracterizam um modelo de pastoral circunscrito ao mundo medieval, pré-científico e teocrático.

Inquietações do padre Alberione diante da pastoral de seu tempo

Já como vigário paroquial, padre Alberione sentiu a necessidade da superação da pastoral de conservação, de algo novo, pois percebeu que aquele modelo já não respondia às novas exigências de seu tempo. Com o advento da civilização moderna, industrial e urbana, haviam emergido desafios novos, que exigiam uma pastoral inovadora. Não se justificava uma postura de oposição às novas realidades, aparentemente hostis à fé cristã.

Com grande zelo pastoral e forte sensibilidade social, entre outras iniciativas, padre Al-

berione começa propondo aos párocos de sua diocese um maior conhecimento da realidade, inclusive com o auxílio das ciências, especialmente da sociologia. Estava certo, pois um “ver” mais analítico e objetivo permitiu-lhe identificar elementos positivos da nova sociedade emergente que, depois, procurou incorporar na prática pastoral. Para ele, o pároco precisava ter um conhecimento concreto das misérias e das necessidades do povo, por meio de um conhecimento direto e objetivo. Ele é o pastor de todos, não apenas do pequeno grupo que ocorre ao templo. Precisa chegar a todos, sair ao encontro dos mais distantes, chegar a todas as classes sociais, precisa chegar às “massas”, dizia. Parecia-lhe claro que a pastoral precisava abarcar a realidade humana em sua globalidade, todas as pessoas, de todas as condições sociais, com todos os meios que o progresso humano ia colocando à disposição. Não basta, dizia, a pregação e a catequese, pois são meios incapazes de chegar além dos ambientes estritamente eclesiais. Enfim, era preciso uma nova pastoral, tanto nos conteúdos como em seus meios.

1.2. Padre Alberione e a pastoral de neocristandade

Entretanto, não era a atitude positiva e propositiva de padre Alberione que reinava na Igreja do início do século XX. A consciência do esgotamento da pastoral de conservação, de cristandade, não significava necessariamente a abertura da Igreja ao mundo moderno, a acolhida de seus valores e a interação com ele.

A postura desqualificadora e apologética da Igreja

A Igreja, sentindo-se destronada de seu lugar hegemônico na sociedade tradicional, vai levar a cabo um projeto de reconquista da sociedade emancipada, mais tarde, proje-



to este denominado por Jacques Maritain de neocristandade. Desde o século XVI, com o surgimento do humanismo, da Reforma Protestante e o nascimento das ciências metodologicamente irreligiosas, a Igreja havia entrado num processo gradativo de fechamento sobre si mesma, que estender-se-ia até as vésperas do Concílio Vaticano II. A Revolução Francesa (1789) havia acirrado ainda mais essa postura desqualificadora e apologética. Como a modernidade havia nascido fora da Igreja e, em grande medida, contra ela, dado que seus centros de decisão haviam acompanhado de fora a evolução dos fatos, encontrava-se incapacitada de perceber nela valores evangélicos. Sentindo-se profanada e humilhada, passará a postular a anulação da Revolução Francesa e a restauração da antiga “civilização cristã”. Para isso, combaterá tanto os denominados “liberais”, herdeiros da revolução e adversários dos regimes monárquicos, como os socialistas, rotulados tanto quanto os liberais de “doutrinadores da irreligião” e anticlericais.

Como o clero não é mais aceito, o combate da Igreja é confiado à “milícia” dos leigos, como extensão do braço do clero. Eles recebem o mandato de “re Cristianizar” a sociedade emancipada, através de movimentos e associações, saindo para fora da Igreja para trazer de volta a sociedade emancipada para dentro dela. Esse modelo de pastoral foi denominado de “neocristandade”, por se propor a resgatar a cristandade, através de uma recristianização da sociedade não de cima para baixo, através da ação do clero, mas de baixo para cima, pela ação capilar dos leigos, no seio da sociedade.

Quanto ao padre Alberione, ele era um homem de seu tempo e, ao mesmo tempo, à frente de seu tempo. Enquanto as paróquias

continuavam, em grande medida, atreladas à tradicional pastoral de conservação e os segmentos eclesiais mais aguerridos adotavam uma postura apologética diante da modernidade, sem provocar divisões, padre Alberione vai saber combinar tradição e novidade. Fidelidade à tradição sendo condescendente para com os colegas párocos da paróquia tradicional e contemporizando com a “crise modernista”, acirrada pelas posturas antimodernas do papa Pio X. Novidade, pois há um claro distanciamento das

práticas da pastoral de conservação, como também da pastoral de neocristandade, apesar de seus escritos assumirem uma postura apologética. Na realidade, padre Alberione avança mais com as práticas do que com a teoria.

“Era preciso uma nova pastoral, tanto nos conteúdos como em seus meios.”

A pastoral de neocristandade

Como estratégia de evangelização, a pastoral de neocristandade assume a defesa da instituição católica, diante de uma sociedade supostamente anticlerical, assim como a guarda das verdades da fé perante uma razão dita secularizante, que não reconhece senão o que pode ser comprovado pelas ciências. À desconstrução da cristandade, que gera vazio, incertezas e medo, contrapõe-se o “porto de certezas” da tradição católica e um elenco de verdades apoiadas numa racionalidade metafísica, nos padrões da escolástica, que o Concílio Vaticano I reimpulsionará. Se a pastoral de conservação era pré-moderna, a pastoral de neocristandade é antimoderna.

Na ação evangelizadora, a pastoral de neocristandade se apoia numa “missão centrípeta”: numa atitude apologética e proselitista, sair para fora da Igreja e trazer de volta as “ovelhas desgarradas” para dentro dela. Numa atitude hostil perante o mundo moderno, cria seu próprio mundo, uma espécie

de “subcultura eclesiástica”, numa típica mentalidade de seita ou gueto. A redogmatização da religião e o entrincheiramento identitário são sua marca.

Como quando se está em estado de guerra, qualquer crítica é intolerada, pois enfraquece a resistência. Diante da dúvida, a certeza da tradição e a obediência à autoridade monárquica, ícone da divindade na terra. Em lugar da Bíblia, em contraposição aos protestantes, coloca-se na mão do povo o catecismo da Igreja; em lugar de teologia para formar cristãos adultos, enquadram-se os fiéis na doutrina e nos dogmas da fé católica. Com naturalidade, fala-se em “refazer o tecido cristão da sociedade”, em manter seu “substrato católico” e em adotar o “método apologético” na evangelização, ignorando um mundo autônomo da Igreja, pluralista, tanto no campo cultural como religioso.

2. Padre Alberione, a boa imprensa e o catolicismo social

Consciente dos valores da modernidade, com olhar crítico, mas positivo, padre Alberione se insere no seio da sociedade moderna e passa a utilizar-se dos meios modernos para levar adiante os ideais evangélicos. Para isso, soube sintonizar-se com um movimento novo na Igreja – o catolicismo social –, cujas iniciativas e práticas iriam desembocar na publicação da *Rerum Novarum*, dar origem à Ação Católica e influenciar os demais movimentos precursores do Concílio Vaticano II.

2.1. A reação da Igreja diante de uma sociedade nova

Um forte agravante da situação era o avanço de um sistema capitalista selvagem, que deu origem a uma classe proletária, acirrando o conflito entre patrões e operários. Os posicionamentos e respostas à grave situação são de índole diversa. Durante o século XIX, movimentos sociais tentaram neutralizar os

efeitos nefastos do capitalismo ou substituí-los por outro sistema.

Fora do ambiente religioso ou católico, três respostas se destacam: o socialismo utópico, com Saint Simon, Fourier e Proudhon, que propunha os ideais socialistas, alternativos ao capitalismo; o sindicalismo, movimento de associação operária nascida na Inglaterra no início de século XIX, que com seu reconhecimento jurídico, passou a regular contratos de trabalho e o direito de greve; e o socialismo científico, movimento revolucionário na linha de Marx e Engels, que prega a união do proletariado para fazer revolução, ou seja, instaurar o fim da propriedade privada e a implantação do sistema de propriedade coletiva dos meios de produção.

Nos meios católicos, há duas respostas principais. A primeira é o assistencialismo, tendência conservadora e acrítica, que pensa que a Igreja não deve intervir nos problemas sociais. A miséria e as desigualdades devem ser minoradas com a caridade assistencial. Atreladas a essa perspectiva, as intervenções do Magistério defendem o direito absoluto de propriedade, condenam as teses socialistas, exortam os pobres à resignação e propõem a caridade assistencial como única solução. Em outra perspectiva, está o catolicismo social, movimento pioneiro de reconciliação da Igreja com a modernidade, cujas iniciativas advogam por uma reforma social de tipo estrutural: concretamente, a organização dos trabalhadores, a intervenção do Estado na “questão social” e obras religiosas, sejam elas criadoras de consciência, sejam de fundos econômicos para socorrer os mais necessitados. Na França, destacam-se Lammenais, La Tour du Pin e Albert de Mun; na Alemanha, von Ketteler e Kolping; na Inglaterra, o cardeal Manning; na Itália, Toniolo e Taparelli.

2.2. O catolicismo social

O movimento, antes de 1848, terá como fontes especialmente o tradicionalismo e o

antiliberalismo. A industrialização nascente na Inglaterra no final do século XVIII e implantada na França no início do século XIX e, logo a seguir, na Alemanha, suscitou da parte da Igreja a tomada de novas posições diante do fenômeno da pobreza crescente da nova classe operária. Na França, durante o período de restauração, com a desorganização e o confisco dos bens do clero, surge uma ação social católica que ultrapassa a caridade individual, largamente praticada até então, para constituir-se numa espécie de caridade organizada. Surge uma série de organizações leigas, tais como a Congregação Mariana, a Sociedade das Boas Obras, a Sociedade de Bons Estudos, a Sociedade São Francisco Sevis e a Sociedade São José, todas de cunho promocional e educacional. Na Alemanha, destaca-se padre Kolping, com a União dos Jovens Trabalhadores, calcada na formação religiosa e profissional.

Depois de 1848, até a *Rerum Novarum* (1891), o que caracteriza o catolicismo social é uma ação eclesial de grandes proporções, marcada, por um lado, pela tentativa de “restauração católica” e, por outro, de assimilação dos valores da modernidade. Após a *Rerum Novarum*, o movimento como um todo vai evoluir para uma postura de diálogo com o mundo moderno, assumindo o sindicalismo e a democracia, desembocando na Ação Católica e na democracia cristã, que iria provocar a “crise modernista” na Igreja.

Na Itália, o pensamento social será fortemente influenciado pela *Civiltà cattolica*, editada por três jesuítas: Taparelli, Liberatore e Curci. A ação acontece em torno da Opera dei Congressi, fundada em 1875, que monopoliza toda a ação católica em vista da defesa do soberano pontífice. A partir de 1877, com o congresso de Bérgamo, os efeitos da propaganda socialista começam a se fazer sentir e

ela, declarando-se preocupada com o perigo socialista, começa a desenvolver toda uma série de ações de caráter econômico e social, visando responder aos anseios das classes populares. Entre os grandes animadores da corrente reformadora, destacam-se o marquês Sassoli e Giuseppe Toniolo.

2.3. Padre Alberione e o catolicismo social

**“Na ‘boa imprensa’,
pe. Alberione vê um
privilegiado meio de
chegar a todo o povo
de Deus, rompendo
o gueto da paróquia
tradicional.”**

É nesse contexto que padre Alberione, associando-se às múltiplas iniciativas do catolicismo social, irá criar uma série de iniciativas em torno ao que ele chamava de “boa imprensa” ou “apostolado da edição”. Mais que defender a Igreja, o objetivo da “boa imprensa” era informar e instruir, especialmente os jovens, de modo que pudessem encontrar um lugar na sociedade urbana e industrializada. Ao seu redor estavam as obras dos Irmãos das Escolas Cristãs, dos Josefinos de Murialdo e dos Salesianos de Dom Bosco, que procuravam preparar os jovens para o emprego, sobretudo criando sólidos vínculos associativos, através de uma boa formação religiosa. Por sua parte, padre Alberione dará grande importância à contribuição da imprensa católica, particularmente aos jornais diocesanos e aos boletins paroquiais. Além da catequese e das notícias em torno à vida da comunidade católica local, recomenda a veiculação de informações a respeito das oportunidades de instrução técnica e profissional. A “boa imprensa” será uma das obras que ele irá recomendar ao clero jovem em sua obra *Anotações de teologia pastoral*, remetendo-se, inclusive, ao papa Pio X, que via nela uma grande necessidade na Igreja.

Na “boa imprensa”, padre Alberione vê um privilegiado meio de chegar a todo o

povo de Deus e para além dos meios eclesiais, rompendo o gueto da paróquia tradicional, restrita a um pequeno grupo de católicos. Juntamente com o cônego Francisco Chiesa, ao difundir nas paróquias da diocese de Alba a União Popular, insta o clero ao compromisso, a romper com o “puro espiritualismo”, ir para a praça pública e para o social e, assim, contribuir para a cristificação da realidade em sua globalidade, tanto o mundo rural como o mundo urbano industrializado.

3. A pastoral na perspectiva do Vaticano II

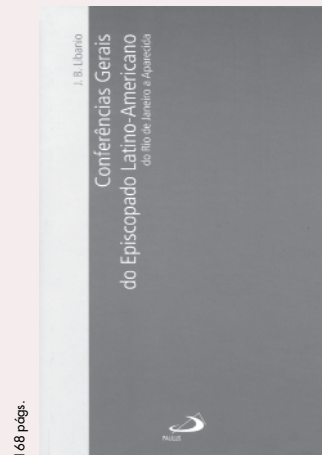
As intuições e iniciativas de padre Alberione encontrariam solo fértil na renovação do Vaticano II (1962-1965) e nos desdobramentos de suas intuições, feitos pela tradição eclesial latino-americana, a partir da Conferência de Medellín (1968). Mas, antes, na esteira do catolicismo social, surgiram os movimentos precursores da renovação conciliar: a Ação Católica, os Padres Operários e os movimentos teológico, catequético, litúrgico, ecumênico e bíblico. Todos foram condenados pela Igreja, em 1950, mas depois reabilitados e acolhidos em suas intuições básicas pelo Concílio Vaticano II.

Com o Concílio, dar-se-á a passagem, pelo menos em tese: da cristandade à modernidade; da pastoral de conservação e de neo-cristandade à pastoral orgânica e de conjunto; do binômio clero-leigos ao binômio comunidade-ministérios; da Igreja-massa à Igreja-comunidade; do eclesiocentrismo ao diálogo ecumênico e inter-religioso; da sacramentalização a uma evangelização integral; da diocese parcela da Igreja universal à Igreja como Igreja de Igrejas locais; da salvação da alma à libertação integral; de uma Igreja gueto a uma Igreja missionária etc.

São mudanças de envergadura, com profundas consequências para todos os campos da vida eclesial, particularmente para a pas-

Conferências gerais do episcopado latino-americano do Rio de Janeiro a Aparecida

João Batista Libanio



168 págs.

Compilação e elucidação das conferências gerais do episcopado latino-americano enquanto analisa a relação da Igreja Católica com a nação brasileira. “Aparecida não brilha como estrela solitária. Insere-se na constelação de outras conferências. Ao aproximarmos delas, entendemos melhor a originalidade da Conferência de Aparecida. Aparecida lança aos católicos um desafio sem igual em torno da vida: imbuir-se da vida em Cristo pela conversão, nascida de um encontro pessoal com o Senhor, anunciá-la, em espírito missionário”.

Imagem meramente ilustrativa.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





toral. A Igreja na América Latina iria mais longe. Através de uma “recepção criativa” do Vaticano II, aterrissou a renovação conciliar no contexto de um continente marcado pela exclusão e pela injustiça institucionalizada.

3.1. A pastoral orgânica e de conjunto

Já na primeira hora da recepção das propostas pastorais do Concílio Vaticano II, plasmou-se um modelo de pastoral, denominado “pastoral orgânica e de conjunto”. Pastoral “orgânica”, porque cada iniciativa pastoral constitui-se num órgão, inserido num único corpo, que é a comunidade eclesial; de “conjunto”, porque as iniciativas pastorais de determinada comunidade eclesial se inserem no conjunto das iniciativas da Igreja local ou da diocese. Com isso, supera-se, por um lado, o paroquialismo e, por outro, o universalismo de movimentos sem compromisso com a Igreja local. Esse passo só foi possível graças ao resgate da Igreja local como o lugar da presença da Igreja toda, ainda que não seja toda a Igreja. A Igreja local é “porção”, e não parte da Igreja universal, dado que esta é Igreja de Igrejas locais. Por sua vez, autoconsciência da Igreja como povo de Deus faz a passagem do binômio clero-leigos para o binômio comunidade-ministérios, fazendo da comunidade eclesial como um todo o sujeito da pastoral. Consequentemente, nascem as assembleias de pastoral como organismos de planejamento e tomada de decisão e os conselhos e equipes de coordenação, como mecanismos de gestão da vida eclesial, na corresponsabilidade de todos os batizados.

No terreno das práticas propriamente ditas, há a passagem do administrativo para o pastoral, procurando responder, antes de tudo, às necessidades da comunidade ecle-

sial, inserida no mundo. Para isso, coloca-se como ponto de partida o conhecimento da realidade das pessoas em seu contexto, condição para uma pastoral de encarnação. A ação pastoral é levada a cabo no âmbito interno da Igreja, mas, sobretudo, fora dela, pela inserção dos cristãos, no seio da sociedade, em perspectiva de diálogo e serviço. Rompendo-se com todo dualismo, desenvolve-se uma evangelização integral, que abarca todas as dimensões da pessoa e toda a humanidade.

**“Supera-se,
por um lado, o
paroquialismo
e, por outro, o
universalismo de
movimentos sem
compromisso com a
Igreja local.”**

3.2. A pastoral de comunhão e participação

A Igreja na América Latina irá além de uma pastoral orgânica e de conjunto. Com Medellín, a Igreja na América Latina passa a ter uma palavra e um rosto próprio. A palavra é fruto da leitura da mensagem evangélica, à luz da opção preferencial pelos pobres, que se traduziu na teologia da libertação, instância retroalimentadora das práticas das comunidades eclesiais, inseridas no mundo, em perspectiva profética. Seu rosto próprio lhe é dado pelas comunidades eclesiais de base, alicerçadas na leitura popular da Bíblia, na celebração vivenciada dos mistérios da fé e nas práticas libertadoras, em defesa e promoção da vida.

Com relação às práticas propriamente ditas, a pastoral de conjunto se abre a parcerias com outras Igrejas, religiões e instituições, comprometidas com uma sociedade inclusiva de todos, símbolo da realização do Reino de Deus desde a imanência da história. O compromisso e a ação em concerto com a Igreja local abrem-se à definição de diretrizes comuns, em âmbito nacional e continental. A Igreja, povo de Deus, é visibilizada em comunidades de tamanho humano, nas denominadas comunidades eclesiais de base, presentes



especialmente no meio popular. Uma Igreja toda ela ministerial é concretizada na multiplicação de ministérios para os leigos, incluídas as mulheres, tanto para dentro como para fora da Igreja. A tomada de consciência da situação de injustiça institucionalizada reinante no continente leva à multiplicação de serviços de pastoral social, com o intuito de fazer dos pobres sujeitos de uma sociedade justa e solidária.

4. Aparecida e a pastoral de conversão missionária

Nas últimas décadas, a modernidade entrou em crise, com a irrupção de novos valores e desconcertantes desafios como o pluralismo cultural e religioso, a emergência de uma nova racionalidade, a irrupção de novos rostos da pobreza e da exclusão, a alteridade como gratuidade, a subjetividade e a autonomia dos sujeitos etc. As mudanças geram medo em muitos segmentos da Igreja, particularmente na Cúria Romana. E não só houve estancamento no processo de renovação do Vaticano II, como também retrocesso em muitos campos. O longo inverno eclesial se estendeu até a renúncia do papa Bento XVI. A Conferência de Aparecida já havia constatado que “está faltando coragem, persistência e docilidade à graça para levar adiante a renovação do Vaticano II” (DAP 100h).

4.1. O desafio atual de uma pastoral secularista

Neste novo contexto de crise da modernidade, um primeiro desafio para a Igreja na atualidade é a volta da mentalidade de neocristandade e o ressurgimento de novos fundamentalismos e tradicionalismos. A pastoral de neocristandade voltou com força, com ares de “revanche de Deus”, com muito dinheiro e poder, triunfalismo e visibilidade, guardiã da ortodoxia, da moral católica, da

sagrada tradição. Constitui-se, hoje, na mais acabada expressão de um modelo de evangelização ultrapassado, mas que se apresenta como “nova evangelização”, a única capaz de manter vivos os ideais evangélicos em um mundo secularizado.

Um segundo desafio, não menos complexo, é a emergência de uma religiosidade eclética e difusa, providencialista e milagreira, uma mescla das práticas devocionais pré-tridentinas, com uma espiritualidade emocionalista, mercadológica e mediática. Em tempos pós-modernos, também a religião passa a ser consumista, centrada no indivíduo e na degustação do sagrado, entre a magia e o esoterismo.

Essa prática religiosa, que poderíamos chamar de pastoral secularista, muito presente também no catolicismo, propõe-se responder às necessidades imediatas dos indivíduos, em sua grande maioria órfãos de sociedade e de Igreja. Trata-se de pessoas desencantadas com as promessas da modernidade, em crise de identidade, pessoas machucadas, desesperançadas, frustradas, depressivas, sofredoras, em busca de autoajuda e habitadas por um sentimento de impotência diante dos inúmeros obstáculos a vencer, tanto no campo material como no plano físico e afetivo. Busca-se a felicidade hoje, aqui e agora, através da solução imediata dos problemas concretos. Há um encolhimento da utopia no momentâneo, pondo em destaque o valor e a urgência do presente, do momentâneo, do agora, urgindo um encolhimento da utopia no hoje da história. É outra noção de tempo, não como *chronos*, mas como *kairós*, no qual os fins que se perseguem, se são verdadeiros, precisam ir sendo experimentados no caminho, em experiências de plenitude em meio à precariedade do presente, em momentos de eternidade no tempo. Dado que o passado perdeu relevância e o futuro é incerto, o corpo é a referência da realidade presente, deixando-se levar pelas sensações e professando



uma espécie de “religião do corpo”. Entretanto, na medida em que Deus quer a salvação a partir do corpo, essa religiosidade colada à materialidade da vida pode ser porta de saída para a religião, mas pode significar também uma porta de entrada.

Confunde-se salvação com prosperidade material, saúde física e realização afetiva. É a religião *à la carte*: Deus como objeto de desejos pessoais, solo fértil para os mercadores da boa-fé, no seio do atual próspero e rentável mercado do religioso. Há um deslocamento da militância para a mística na esfera da subjetividade individual, do profético para o terapêutico e do ético para o estético. Isso contribui para o surgimento de “comunidades invisíveis”, compostas por “cristãos sem Igreja”, sem vínculos institucionais, que se constituem em portadores de uma vigorosa crítica ao controle do sagrado por parte da instituição religiosa. Nesse contexto, a mídia em geral contribui para a banalização da religião, reduzindo a religião não só à esfera privada, como também a um espetáculo para entreter o público. Trata-se de uma “estetização presentista”, propiciadora de sensações “intranscendentes”, espelho das imagens da imanência. Uma mescla de profissão de fé a afirmação narcisista, típicas de um sujeito ameaçado.

4.2. A pastoral de conversão missionária

Consciente destes desafios, a Conferência de Aparecida fez um forte apelo à Igreja na América Latina a retomar a renovação do Vaticano II e a não perder de vista a tradição libertadora latino-americana, tecida em torno a Medellín. Para isso, resgata a exigência de uma “conversão pastoral”, proposta pela

Conferência de Santo Domingo, que leve a mudanças, na perspectiva da renovação conciliar, em quatro âmbitos: na consciência da comunidade eclesial, na práxis ou nas ações pastorais, nas relações de igualdade e autoridade e nas estruturas da Igreja.

Para uma conversão na consciência da comunidade eclesial, Aparecida afirma que ela necessita “desinstalar-se de seu comodismo, estancamento e tibieza, à margem do sofrimento dos pobres do continente”. Por isso, “esperamos um novo Pentecostes que nos li-

berte do cansaço, da desilusão e da acomodação em que nos encontramos” (DAP 362). A firme decisão missionária de promoção da cultura da vida “deve impregnar todas as estruturas eclesiais e a todos os planos de pastoral, em todos os níveis eclesiais, assim como toda a instituição eclesial, abandonando as estruturas ultrapassadas” (DAP 365). A Igreja está no mundo e existe

para a salvação do mundo, por isso, precisa testemunhar “os valores do Reino no âmbito da vida social, econômica, política e cultural” (DAP 212), para transformar a “cidade atual” na “Cidade Santa” (DAP 516). Num mundo pluralista, é preciso saber acolher e colaborar com a obra que o Espírito realiza, também fora da Igreja e, portanto, “necessidades urgentes nos levam a colaborar com outros organismos ou instituições” (DAP 384). Para trabalhar com os diferentes, é preciso “descolonizar as mentes”, fazer cessar a lógica colonialista de rechaço e de assimilação do outro, uma lógica que não vem de fora, mas que está dentro de nós (cf. DAP 96). Por isso, “anúncio e diálogo são elementos constitutivos da evangelização” (DAP 237).

Em segundo lugar, conversão pastoral é essencialmente mudança no âmbito das práticas, da ação eclesial. Para Aparecida, esta

“A Conferência de Aparecida constatou que ‘está faltando coragem, persistência e docilidade à graça para levar adiante a renovação do Vaticano II.’”

começa pelo testemunho, fruto de uma experiência pessoal com Jesus Cristo (DAp 243). Daí a necessidade de uma ação evangelizadora que chegue às pessoas, para além de comunidades massivas, constituídas de cristãos não evangelizados, de débil identidade cristã e pouca pertença eclesial (DAp 226a). Evangelizar não consiste simplesmente em incorporar pessoas a uma instituição, mas, antes de tudo, encarnar o Evangelho na vida de pessoas contextualizadas. Para Aparecida, “Deus, em Cristo, não redime só a pessoa individual”, mas em suas “relações sociais” (DAp 359), por isso, evangelizar é também “engendrar padrões culturais alternativos para a sociedade atual” (DAp 480). Consequentemente, a Igreja está “convocada a ser advogada da justiça e defensora dos pobres”, diante das intoleráveis desigualdades sociais e econômicas, que clamam ao céu (DAp 395). A opção pelos pobres, “para que seja preferencial, precisa transpassar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais” (DAp 396). Assim, cabe “promover renovados esforços para fortalecer uma pastoral social estruturada, orgânica e integral, que, com a assistência e a promoção humana, se faça presente nas novas realidades de exclusão e marginalização, lá onde a vida está mais ameaçada” (DAp 401). Para isso, é preciso “favorecer a formação de um laicato capaz de atuar como verdadeiro sujeito eclesial e competente interlocutor entre a Igreja e a sociedade” (DAp 497).

Em terceiro lugar, conversão pastoral implica mudanças nas relações de igualdade e autoridade. Nesse particular, para Aparecida, o clericalismo, o autoritarismo, a minoridade do laicato, a discriminação das mulheres e a falta de corresponsabilidade entre todos os batizados na Igreja são os grandes obstáculos para levar adiante a renovação proposta pelo Vaticano II. Daí a necessidade, na obra da evangelização, da participação “dos leigos no discernimento, tomada de decisões, do planejamento e da execução” (DAp 371). Urgem processos de

A sociedade tecida pela comunicação **Técnicas da informação e da comunicação: entre inovação e enraizamento social**

Bernard Miège



Edição brasileira da obra de Bernard Miège, professor de Ciências da Informação e da Comunicação na Universidade Stendhal-Grenoble 3. “As Tic (técnicas da informação e da comunicação) já não são novas. A microinformática, a telefonia móvel, a internet, os sites na web e os conteúdos a eles associados estão agora presentes em todos os campos sociais e em todas as atividades. Seu desenvolvimento parece atender a um crescimento tecnológico irresistível. As Tic – enquanto inovações sociotécnicas – resultam, desta maneira de dependências e determinações cruzadas entre a ordem da técnica e do social.”

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





tomada de decisões relativas à pastoral, que contemplem a participação de todos, na corresponsabilidade de todos os batizados na obra da evangelização. Nesse sentido, destaca Aparecida a necessidade de promover “o protagonismo dos leigos, em especial das mulheres”, estas com ministérios e “efetiva presença nas esferas de planejamento e nos processos de tomada de decisão” (DAp 458).

Em quarto lugar, a conversão pastoral precisa descer ao nível das estruturas. Estas são um elemento fundamental da visibilidade da Igreja, pois afetam seu caráter de sacramento. As estruturas são também mensagem. Para Aparecida, as estruturas sociais injustas da sociedade desafiam as estruturas pastorais, pois elas não conseguem responder às necessidades dos necessitados. Por isso, se a opção pelos pobres é preferencial, ela precisa “atravessar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais” (DAp 396). A Igreja, como “casa dos pobres” (DAp 8), “Igreja samaritana” (DAp 26), deve criar estruturas abertas para acolher a todos (DAp 412), em perspectiva da vida em abundância (DAp 121). Expressão de uma Igreja, que quer assumir com mais força a opção pelos

pobres, são as pequenas comunidades eclesiais ou de base; para Medellín, “célula inicial de estruturação eclesial e foco de evangelização” (DAp 178). Por isso, para Aparecida, levando em consideração suas dimensões, é aconselhável sua “setorização em unidades territoriais menores, com equipes de animação e coordenação que permitam uma maior proximidade às pessoas e grupos que vivem na região”; e, dentro destes setores, criar “grupos de famílias, que ponham em comum sua fé e as respostas a seus próprios problemas” (DAp 372).

Considerações finais

Padre Alberione foi um homem de seu tempo e, ao mesmo tempo, à frente de seu tempo. São essas “minorias abraâmicas”, no dizer de Dom Hélder Câmara, que vão abrindo novos caminhos, na tessitura do risco, a única garantia de futuro. O Vaticano II foi um “advento” para o terceiro milênio e a tradição recente da Igreja na América Latina aponta para uma Igreja samaritana e profética, o perfil das comunidades eclesiais, que assumem a missão de ir antecipando o Reino da vida, que não conhece ocaso, na precariedade da história. ●

Referências

- ALBERIONE, Tiago. *Anotações da teologia pastoral*. São Paulo: Paulus, 2012.
- _____. *O apostolado da edição*. São Paulo: Paulus, 2012.
- _____. *A mulher associada ao zelo sacerdotal*. São Paulo: Paulus, 2011.
- _____. *Abundantes divitiae gratiae suae*. São Paulo: Paulus, 2000.
- BRIGHENTI, A. “Énfasis pastorales de la Iglesia en América Latina y El Caribe en los últimos 50 años”. *Medellín* 123 (2005) 375-398.
- _____. “A pastoral na vida da Igreja. Repensando a missão evangelizadora em tempos de mudança”. In: CNBB. *COMISSÃO EPISCOPAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA*. Brasília: Ed. CNBB, 2012, p. 117-138.
- FOLLIET, J. “Catholicisme Social”. *Catholicisme*, t. III, 1949, col. 703-722.
- REMY, Jean. “Le défi de la modernité: la stratégie de la hiérarchie catholique aux XIX^e et XX^e siècles et l’idée de chrétienté”. *Social Compas*, XXXIV/2-3, 1987, p. 151-173.
- ROLFO, Luís. *Padre Alberione*. São Paulo: Paulus, 1975.



O Comum Digital: as dimensões conectivas e o surgimento de um novo comunitarismo

Massimo Di Felice*

Este artigo tem por objetivo oferecer uma leitura do significado das dimensões conectivas e ecológica do “comunitarismo” contemporâneo a partir da identificação dos elementos caracterizantes das arquiteturas informativas reticulares. Elementos estes que apontam para a emergência de uma nova dimensão do social na qual os elementos tecnológicos, humanos e ambientais adquirem suas dimensões e formas, somente enquanto conectados, segundo suas atividades agregativas. Apresentando os conceitos de “comunitarismo”, “bens comuns”, “identificações”, “ator-rede”, “tecno-ator”, “dispositivos de conectividades”, “atopia” e “ato conectivo”, o artigo propõe algumas chaves de leitura das ecologias associativas contemporâneas e do “comum digital”, decorrentes da difusão do social network e das redes sociais digitais.

* Sociólogo pela Universidade La Sapienza de Roma, doutor em Ciência da Comunicação pela ECA-USP, onde leciona no programa de pós-graduação e coordena o Centro de Pesquisa Internacional Atopos. Fez pós-doutorado em Sociologia pela Universidade Sorbonne, Paris V. É professor convidado na Universidade Lusófona de Portugal, na Universidade IULM de Milão e na Universidade de Córdoba (Argentina). E-mail: mdfelice@uol.com.br.



Introdução

N uma nota à edição de Pleiade, o escritor romântico francês Barbey d'Aurevilly narrava a seguinte lenda:

O imperador Carlos Magno, já em avançada idade, apaixonou-se por uma donzela alemã. Os barões da corte andavam muito preocupados vendo que o soberano, entregue a uma paixão amorosa que o fazia esquecer-se de sua dignidade real, negligenciava os deveres do Império. Quando a jovem morreu subitamente, os dignitários respiraram aliviados, mas por pouco tempo, pois o amor de Carlos Magno não morreu com ela. O imperador mandou embalsamar o cadáver e transportá-lo para sua câmara, recusando separar-se dele. O arcebispo Turpino, apavorado com essa paixão macabra, suspeitou que havia ali um sortilégio e quis examinar o cadáver. Oculto sob a língua da morta encontrou um anel com uma pedra preciosa. A partir do momento em que o anel passou às mãos de Turpino, Carlos Magno apressou-se em mandar sepultar o cadáver e transferiu seu amor para a pessoa do arcebispo. Turpino, para fugir daquela embaraçosa situação, atirou o anel no lago de Costança. Carlos Magno apaixonou-se então pelo lago e nunca mais quis se afastar de suas margens (CALVINO, 1996, p. 78).

Comentando o conto de Barbey d'Aurevilly, Ítalo Calvino afirma que o verdadeiro protagonista do conto é o próprio anel mágico, uma vez que seria a partir dele que se desenvolvem os diversos acontecimentos. Contrariamente a essa interpretação, é possí-

vel, também, descrever o conjunto de interações que se desenvolvem no conto, como a expressão de um emaranhado reticular que, em lugar de um cenário dividido entre personagens, atores protagonistas e atores coadjuvantes, contextos e situações, nos apresenta a complexidade de uma arquitetura reticular e

interdependente, na qual cada ator (o anel mágico, a donzela alemã, o arcebispo Turpino, Carlos Magno, o lago e suas margens) é levado a agir por outros. O próprio anel mágico adquiriu tal propriedade após um feitiço que alguém, provavelmente uma bruxa, aplicou nele, assim como o próprio Carlos Magno passou a alterar

seus atos depois do desenvolvimento de seus sentimentos, despertados e continuamente modificados pelo feitiço.

As redes de ação e de atores cruzam-se na narrativa, desenvolvendo tal nível de complexidade de relações que se resulta, consequentemente, improvável pensar um único ator como o promotor principal das ações sucessivas, nem uma origem específica da ação. Essa possível interpretação das qualidades reticulares das interações que se desenvolvem nesse breve conto contribui de forma fértil para pensar as qualidades da complexidade das ações que desenvolvemos cotidianamente nas redes digitais, conectados a dispositivos, circuitos elétricos, bancos de dados e às demais pessoas por suas vezes também conectadas aos dispo-

**“Um comum
dinâmico e em
contínuo devir,
algo diferente da
estrutura de um
organismo fechado
e delimitado.”**

1 Em recente pesquisa, o Datafolha entrevistou peregrinos católicos presentes no RJ para a JMJ. Dos entrevistados, 65% defendem o uso de preservativos nas relações sexuais e 53% defendem a pílula anticoncepcional. Já no que diz respeito à “pílula do dia seguinte”, o respaldo é menor, de 32%. É bom observar que essa pesquisa foi feita com jovens frequentadores da Igreja e admiradores do papa. Entre os jovens não participantes, a opinião da Igreja simplesmente nem é levada em conta. Cf. <<http://m.g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/pesquisa-mostra-que-peregrinos-se-mostram-mais-liberais-que-a-igreja-catolica.html>>. Acesso em: 29 jul. 2013.



sitivos, circuitos elétricos, bancos de dados e às demais pessoas.

Nesse complexo e interdependente âmbito ecossistêmico-informativo digital cotidiano, em lugar de tentar desvendar atores protagonistas e construir hierarquias para interpretar a origem da ação, provavelmente pode nos ser útil mudar de atitude e direcionar a nossa atenção sobre o significado do social em rede e sobre a qualidade dos laços comunitários que marcam o convívio e a interação no âmbito reticular. Que comunidade e que social são aqueles que nascem da conexão entre membros de diversas naturezas?

1. O “comum digital”, algumas reflexões sobre um novo tipo de comunitarismo

As nossas sociedades estão marcadas por um importante processo de transformação, uma mudança que diz a respeito não apenas às suas relações internas, mas também ao seu sentido profundo, ou seja, ao sentido que define a mesma natureza e a qualidade do estatuto do social. O advento das redes digitais passou a manifestar a necessidade de uma reflexão maior que pudesse considerar o advento de um social tecnológico e interativo, baseado não mais em formas de comunicação analógicas, mas derivado das mediações entre sujeitos, grupos, empresas e instituições e meios de comunicações, reunido em redes de coletivos humanos, dispositivos e banco de dados (Big Data). Nesta nova conformação, possibilitada pelo aparecimento de novas formas comunicativas com a introdução de tecnologias de transmissão por cabo a fibras óticas, e por wi-fi, satélites, ondas de rádio RFID (*Radio frequency identification*) etc., que permitem o acesso em tempo real a uma quantidade infinita de informações e a conexão de um amplo ecossistema de atores, o social perde a possibilidade de ser narrado como um sistema, definido e composto por

partes e identidades distintas. Este se torna a forma de suas conexões e o resultado estendido de sua distribuição de informações e interações que não se articulam segundo a sequência informativa analógica: emissor-mensagem-meio-receptor. A rede planetária da internet passa a possibilitar a circulação instantânea de informações através de formas de comunicação reticulares a-direcionais, não representáveis por fluxos informativos geométricos em direção ao externo.

A tecnologia – enquanto interface, interatividade e agenciamento – deixa de ser “extensão dos sentidos”, para se tornar interna, uma sociabilidade habitável. O resultado do surgimento deste novo social interativo e ilimitado questiona as ciências sociais, não somente em âmbito de técnica de pesquisa que busque alcançar, ao lado do social tradicional, as suas novas expressões virtuais, mas, sobretudo, em âmbito de categorias, paradigmas e conceitos. É necessário definir e, portanto, delimitar um social em rede? Que tipo de comunidade e que tipo de comum é o que habitamos em contextos conectados e reticulares?

O advento de um comunitarismo em rede baseado em forma de comunicações reticulares e interativas e, portanto, pós-analógica, nos obriga a pensar um social pós-estruturalista, onde os distintos setores, os diversos grupos, as instituições, as empresas, passam a se sobrepor e a reinventar-se através da contínua interação e conexão. Um comum dinâmico e em contínuo devir, algo diferente da estrutura de um organismo fechado e delimitado feito de um conjunto de órgãos separados e interagentes, um comum aberto e híbrido, perante o qual é necessário repensar a própria ideia de laços sociais.

No interior dos estudos sobre social *network* e laços sociais, podemos identificar diversas abordagens principais que apresentaremos sinteticamente em seguida. A primeira é a que pensa o comunitarismo através das suas dimensões operacionais, introduzindo



uma concepção pragmática e simplificada que reduz a comunidade e o comum nos contextos digitais a sua própria aritmética, isto é, à simples contagem descritiva de *links* e laços que se produzem numa rede. Faz parte desse primeiro grupo tanto a abordagem matemática de Albert L. Barabási (2002), que, desde uma perspectiva quantitativa e matemática, direciona os seus estudos na descrição das relações desenvolvidas numa rede por meio da contagem dos *links* desenvolvidos entre seus membros. Sempre neste primeiro grupo, podemos contemplar também a perspectiva dos estudos desenvolvidos por Mark Granovetter, que parte de uma ideia de interação social definida como a construção de relacionamentos e laços entre membros de uma rede. Numa perspectiva sociológica, o autor se propõe definir as diversas formas de relações reticulares a partir de uma análise comparativa das intensidades de suas interações. Granovetter, em sua obra *The Strength of Weak Ties* (“A força dos laços fracos”, em tradução livre) de 1973, salienta que os laços sociais têm uma intensidade de força que depende da “combinação (provavelmente linear) da quantidade de tempo, intensidade emocional, intimidade (confiança mútua) e serviços recíprocos que caracterizam um laço” (GRANOVETTER, 1973, p. 1361).

Para Granovetter (1973), os laços fortes se caracterizam pela intensidade de intimidade, aproximação e intenção em desenvolver uma conexão entre pelo menos dois atores sociais, onde se estabelece um relacionamento com maior potencial para a realização de trocas sociais. Os laços fracos se caracterizam por relações mais diluídas, sendo mais abrangentes e menos profundas, o que leva a trocas sociais mais difusas e menos íntimas. No en-

tanto, os laços fracos são essenciais na estruturação das redes sociais, pois são eles que conectam os blocos de grupos compostos por laços fortes.

Assim, ao analisar um grafo, é possível detectar se este é composto por laços assimétricos, onde existem diferentes níveis de forças de laços entre os atores, e simétricos, onde se detecta uma participação mais homogênea dos atores na rede. Na grande maioria das redes, se detecta a caracterização de laços multiplexos, onde se encontram diversos tipos de relações sociais, tanto de laços fortes como de laços fracos (DI FELICE et al., 2012, p. 61).

Nesta mesma direção, os estudos sociológicos de redes sociais desenvolvem a ideia de descrições relacionais de reputação e poder nas próprias redes, como aquelas ligadas ao conceito de capital social.

O conceito de capital social está ligado aos valores inerentes a uma rede social que determina os comportamentos aceitáveis e congratulados nessa mesma rede. Tais valores perpassam as virtudes cívicas, morais e relacionais. [...]. No caso específico das redes sociais na internet, os valores do capital social estão diretamente relacionados às questões relacionais (construção de relacionamentos), normativas (desenvolvimento de códigos de condutas), cognitivas (disseminação de informação e elaboração de conhecimento), confiança no ambiente social (meritocracia), institucionais (autoridade e auto-organização) (DI FELICE et al., 2012, p. 67).

Uma segunda perspectiva no âmbito dos estudos sobre o comum e a comunidade em redes é aquela que pensa a extensão tecnológi-

“Os laços fracos se caracterizam por relações mais diluídas, sendo mais abrangentes e menos profundas, o que leva a trocas sociais mais difusas e menos íntimas.”



ca do comunitarismo como uma destruição dos laços comunitários originários e os contextos reticulares como a crise ou o próprio desaparecimento de um estágio originário, mais real e autêntico. Alinhados a essa perspectiva, encontram-se diversos autores, com destaque para o estudo recente e amplamente divulgado de Sherry Turkle, de significativo título, *Alone Together* (2011), no qual se descreve a dimensão digital dos relacionamentos como uma perda da complexidade das interações humanas: “Human relationships are rich and they’re messy and they’re demanding. And we clean them up with technology. Texting, email, posting, all of these things let us present the self as we want to be. We get to edit, and that means we get to delete, and that means we get to retouch, the face, the voice, the flesh, the body – not too little, not too much, just right”¹ (TURKLE, 2011, p. 23). Uma terceira interpretação do comunitarismo digital refere-se a um tipo de comunitarismo conectado que torna possíveis laços e interações a partir da troca semântica de significados e conteúdos. Essa concepção próxima da ideia de inteligência coletiva desenvolvida pelo filósofo Pierre Lévy exprime a ideia de um comunitarismo conceitual que agrega indivíduos em redes a partir de compartilhamentos de conteúdos e interesses encontrados e compartilhados digitalmente:

A cibercultura é a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre *links* territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o comparti-

1 Tradução livre: “As relações humanas são ricas, desorganizadas e exigentes. Nós as organizamos com a tecnologia. Escrever, passar *e-mail*, postar, todas essas coisas nos permitem apresentar-nos como queremos ser. Nós editamos, e isso significa que podemos apagar, e isso significa que podemos retocar, o rosto, a voz, a carne, o corpo – não pouco, não muito, apenas o bastante”.

Dicionário de comunicação Edição ampliada e revisada

Ciro Marcondes Filho



Mais de oitenta colaboradores de primeira linha reunidos neste Dicionário da Comunicação apostam na organização, na estruturação, na definição de um código próprio que consolide seus conceitos, que corrija o que é indevido, que se institua como padrão terminológico nacional. Esta obra dá conta de todo o espectro da comunicação, que vai da forma interpessoal, grupal, passando pela presencial no ensino, até a chamada “comunicação social”, que abrange as formas erradicadas.

Organização de Ciro Marcondes Filho.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





lhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração. O apetite para as comunidades virtuais encontra um ideal de relação humana desterritorializada, transversal, livre. As comunidades virtuais são os motores, os atores, a vida diversa e surpreendente do universal por contato (LÉVY, 1999, p. 130).

Uma quarta linha de estudos é aquela que pensa o comunitarismo digital como a extensão ou a amplificação do comunitarismo e dos laços presenciais que encontrariam, no social *network* e nas redes digitais, sua maior realização e sua maior eficiência, fazendo das redes um novo sistema operativo social. É esta a contribuição oferecida por Barry Wellman e Lee Rainie, que em seu livro *Networked: The New Social Operating System* abordam a questão diretamente:

A evidência mostra que nenhuma destas tecnologias é um sistema fechado, capaz de isolar as pessoas. As tecnologias de hoje são mais integradas na vida social de quanto não o eram as tecnologias precedentes. As pessoas não estão ligadas aos *gadgets*, estão ligadas umas com as outras. [...] No momento no qual incorporaram as tecnologias, as pessoas mudaram a forma de comunicar entre elas. Tornaram-se cada vez mais *networked* [conectadas] enquanto indivíduos, mais que como integrantes de grupos (WELLMAN e RAINIE, 2002, p. 46).

O livro propõe uma leitura do comunitarismo contemporâneo segundo a sua dimensão conectiva que supera as dimensões presenciais e que expande o comum e a reciprocidade para um nível estendido à dimensão das redes informativas. No primeiro capítulo, os autores narram a história dramática de um ca-

sal de Portland (EUA), Peter e Trudy, que, após um trágico acidente, difunde sua história nas redes sociais digitais. A esposa de Peter havia entrado em um profundo estado de coma e a difusão das imagens dela no hospital, uma vez divulgadas na rede, obteve o conforto e a solidariedade de pessoas de diversas cidades

dos Estados Unidos. Houve quem escrevesse uma mensagem de conforto, quem fizesse orações, quem oferecesse apoio. Em pouco tempo, Peter recebeu ajuda de todos os tipos, desde conselhos de profissionais sobre como enfrentar corretamente a burocracia dos trâmites do seguro até conselhos médicos de especialistas. Para os dois autores, esse caso, como muitos outros, é exemplo do advento de um novo tipo de comu-

nitarismo, cujas características seriam consequência do surgimento de um “novo sistema operativo social”: o modo como Peter e Trudy usaram as redes sociais não é somente uma história tocante. É também a história de um novo sistema operativo social que definimos “*networked individualism*” (individualismo em rede), contrapondo a ele o sistema operativo precedente, formado em volta de amplas burocracias hierárquicas e de pequenos grupos fortemente interconexos, como os núcleos familiares, as comunidades e os grupos de trabalhos. Para definir o *networked individualismo*, usamos a expressão de “sistema operativo”, pois este descreve a maneira como as pessoas se conectam entre si, a maneira como se comunicam e trocam informações. Utilizamos essa definição também porque sublinha o fato de que as sociedades – como os sistemas informáticos – possuem estruturas baseadas sobre *networks*, que oferecem oportunidades e vínculos, normas e procedimentos (WELLMAN e RAINIE, 2002, p. 55).

Uma quinta linha de análise sobre o comunitarismo em rede é aquela que o define

“o comunitarismo digital como a extensão ou a amplificação do comunitarismo e dos laços presenciais.”

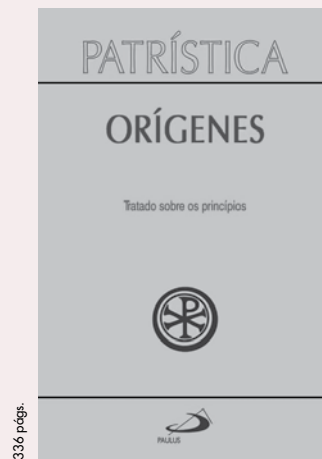


como uma nova dimensão agregativa que expressa outro tipo social, um social não mais limitado apenas ao humano, um “supersocial”, composto por membros de diversas naturezas. Podemos incluir a ideia de comunitarismo dinâmico e em rede à ideia de microassociações proposta por Bruno Latour, cujo ponto de partida é a questão sobre a composição do social: “Quando falamos do social, quantos somos? Quem somos?” (LATOUR, 2013, p. 27). Para Latour, a sociedade não pode ser definida senão de forma metafísica, isto é, através de conceitos e categorias abstratas, como proposto pela sociologia, mas apenas observada em sua dimensão microagregativa no momento de seu acontecer. Inspirado na microsociologia de Gabriel Tarde, o sociólogo francês, pensa, de um lado, na composição deste novo tipo de agregados comunitários e, de outro, na maneira de estudá-los. Em relação ao primeiro aspecto, Latour procura descrever os agregados em redes a partir de sua dimensão emergente, que o vê composto pela interação entre diversos “actantes” (seja humano ou não, qualquer elemento que deixa rastro). Como já observado anteriormente, as características de tais interações não são o resultado de uma estratégia do sujeito, num contexto reticular, ao contrário, o “ator é aquilo que muitos outros levam a agir... O ator na expressão hifenizada ator-rede não é a fonte de um ato, e sim o alvo móvel de um amplo conjunto de entidades que examinam em sua direção” (LATOUR, 2013, p. 51). Tal concepção pensa o ator numa perspectiva complexa, como o membro de uma complexidade que o supera e da qual depende:

Empregar a palavra ator significa que jamais fica claro quem ou o quê está atuando quando as pessoas atuam, pois o ator, no palco, nunca está sozinho ao atuar [...] por definição a ação é deslocada. A ação é tomada de empréstimo, distribuída, sugerida, influenciada, traída, dominada, traduzida. Se se diz que um ator é

Patrística **Tratado sobre os princípios**

Orígenes



336 págs.

Entre os escritores eclesiais da Igreja antiga, a figura de Orígenes destaca-se pela personalidade ímpar, pela vastíssima produção literária, pela profundidade teológica, espiritual e exegética de seus escritos. Em vista de introduzir o leitor na compreensão de uma das principais obras de Orígenes, traduzida pela primeira vez em português, esta obra percorre o seguinte itinerário: uma breve síntese biográfica, um resumo dos principais testemunhos da tradição textual, um comentário sobre o título original *Peri Archōn*, e, por fim, outro referente a esta edição brasileira. O livro pertence à coleção “Patrística”, a mais completa quando se trata de apresentar os textos dos Pais e Mães da Igreja.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





um ator-rede, é em primeiro lugar para esclarecer que ele representa a principal fonte de incerteza quanto à origem da ação (LATOURET, 2013, p. 55).

O que marca a teoria do ator-rede é a abertura para uma dimensão complexa, que coloca cada membro da rede dependente das atividades dos demais membros, sejam estes humanos ou não. O comunitarismo em rede seria caracterizado pela incerteza, seja de seus membros, seja de suas interações. Do comunitarismo em rede não poderíamos “dizer”, mas apenas “acompanhar e cartografar” seus imprevisíveis dinamismos. Essa dimensão de incerteza do social marca a emergência de um novo tipo de complexidade que nos obriga a uma ruptura epistêmica que muda a nossa forma de abordar as dimensões do social. Nessa nova perspectiva, em lugar de definir deveríamos preferir não somente observar, mas jamais chegar a padrões que definem estruturas e tipologias, pois, numa dimensão reticular, não há estabilidade duradoura nem estruturas rígidas. A incerteza marcaria, então, a forma e a dimensão agregativa, oferecendo a nós a dimensão de um conjunto de incertezas, de dúvidas e de indecisões que marcam a atmosfera do nosso convívio em todos os seus âmbitos.

Nesta dimensão de incerteza e de algo não racionalmente definido, encontramos a perspectiva do comunitarismo oferecida pelo sociólogo francês Michel Maffesoli e que constitui, nesta proposta de síntese, a sexta interpretação sobre o comunitarismo. Nesta, as interações midiáticas contribuem de forma significativa ao desenvolvimento do comunitarismo, não somente para a formação dos processos de construção das

identidades e das experiências do lugar (J. Meyrowitz), sejam estas coletivas ou individuais, mas também por uma significativa e importante alteração da experiência sensorial: “A experiência tátil passa atualmente [...] através do desenvolvimento tecnológico [...] por meio do qual se desenvolve uma interdependência societária inegável” (MAFFESOLI, 1990, p. 85). *Smartphones, video games*, circuitos digitais de compartilhamento de músicas (MP3) e vídeos, as festas *raves* e as paixões pelos esportes radicais necessitam de explicações centradas em seus dinâmismos comunicativos e tecnológicos. Não somente porque tais experiências têm suas próprias origens, em muitos casos, no próprio social *network*, mas, sobretudo, encontram suas significações e seus principais espaços de compartilhamento da própria experiência nas redes digitais. O advento de formas de sociabilidade construídas em sinergia com as tecnologias digitais e os dispositivos de conexão marca o comunitarismo contemporâneo, caracterizado por M. Maffesoli pela difusão de formas de apropriação lúdicas e criativas das novas tecnologias:

“O que marca a teoria do ator-rede é a abertura para uma dimensão complexa, que coloca cada membro da rede dependente das atividades dos demais membros.”

Todos os microrrituais [...] parecem possuir esta função de desviar a técnica de suas funções meramente instrumentais, para agrupar os indivíduos em volta de uma atividade comum e de uma paixão compartilhada. Podemos, portanto, dizer que o destino da técnica moderna reside na sua apropriação dionisíaca e, portanto, numa ressacralização e num reencantamento do mundo (MAFFESOLI, 1990, p. 88).

As formas de agregações das tribos metropolitanas, explicadas por Maffesoli como a emergência de uma socialidade de um sentir em comum (“sentir com”) que reúne em um



“presentismo experiencial” as práticas das comunidades contemporâneas, encontram nas extensões digitais uma ulterior expansão: “As tecnologias do ciberespaço potencializam a pulsão gregária, agindo como vetores da comunicação e da condissão dos sentimentos e laços comunitários” (LE MOS, 2002, p. 17). Com a difusão da computação móvel e das formas de conectividades generalizadas (wi-fi, RFID, wi max etc.), o dinamismo dos comunitarismos estendeu-se às dimensões ulteriores, superando as distinções e produzindo hibridações e atribuindo novas formas e significados ao próprio conceito de comum. Por isso achamos necessária uma última explicação que leve em consideração a qualitativa alteração das dinâmicas ecológicas e conectivas das interações próprias do comum digital.

2. Características do comunitarismo em rede e os desafios da pastoral digital

As características deste novo cenário comunitário apresentam-se como uma alteração profunda que podemos, embora de forma superficial e imprecisa, sintetizar em alguns pontos para tornar a nossa exposição mais clara. Uma primeira característica remete à própria ideia de comunidade, que desde uma perspectiva reticular, estende-se muito além de sua dimensão humana, para incluir todos os membros da biosfera. Trata-se de uma alteração qualitativa, que encontra importantes antecipadores na própria tradição eclesial, na própria ideia de pensar a dimensão da criação como uma qualidade comum a todos os seres vivos e a toda a realidade. Um exemplo entre todos a respeito, no interior da tradição franciscana, encontramos na filosofia de São Boaventura, na qual a natureza assume a dimensão não apenas de uma realidade criada, mas da emanação do divino enquanto expressão do Deus criador. “Deus est intimus est cuilibet rei creatae” (DI FELICE, 2009, p. 24). Na segunda parte do

Breviloquium intitulada *De creatura mundi*, Boaventura explica o conceito que descreve a essência das criaturas que, antes de serem em si mesmas, são em Deus. Assim, toda a criação se apresenta como o caráter de um imenso vestígio da divindade: “Podemos concluir que todas as criaturas deste mundo sensível conduzem a Deus [...]. Elas, de fato, são sombras, ecos, representações daquele primeiro princípio que é suma potência” (BOAVENTURA, 1991, p. 34). Em consequência dessa primeira característica, podemos enxergar um primeiro desafio da “pastoral digital em rede”, relativo à necessidade de não se referir somente aos humanos, nem de ter seu sentido principal no alcance de objetivos humanos. Não se trata apenas de pensar as ações ecológicas humanas, mas de repensar a própria composição da comunidade para além da dimensão antropocêntrica e social. Esse primeiro desafio decorrente dessa primeira característica nos leva para um segundo aspecto, que chama a atenção para a dimensão ecológica da arquitetura do novo comunitarismo. Este apresenta-se, de fato, mais como uma “rede de redes” composta por entidades orgânicas e inorgânicas, conectadas entre si e capazes, portanto, de transformações recíprocas adquiridas de suas próprias interações. Esta característica de uma complexidade mutante e emergente deve pôr para as atividades pastorais um ulterior desafio, relativo à inclusão no âmbito comunitário dos elementos tecnológicos e comunicativos. É necessário aqui fazer um esforço teórico que pressupõe a relativização da concepção instrumental da tecnologia, desenvolvida por boa parte da filosofia ocidental, e recuperar a complexidade e todo o mistério da dimensão “poiética” atribuída por Heidegger à técnica.

Não somente o elemento comunicativo e, hoje em boa parte, tecnológico e digital facilita a comunicação entre os membros da comunidade, mas, enquanto condicionante de formas de interações, deve considerar-se



parte integrante da ecologia comunitária, enquanto “actante” e parte ativa. Superando, portanto, a concepção de meio, a pastoral em contextos digitais deve pensar que não existe comunidade e comum sem a técnica e que, no âmbito das arquiteturas comunitárias contemporâneas, os laços e todos os tipos de dimensões relacionais estendem-se para além do presencial, amplificando nossa dimensão comum e nos tornando muito mais relacionais.

O aspecto ecológico e interativo do comunitarismo em rede comporta um ulterior desafio: além daquele relativo à extensão da ideia de comunidade aos não humanos e ao protagonismo do tecnológico em seu âmbito, leva-nos à ideia da localidade “atópica” do comunitarismo contemporâneo, que,

superando os limites físicos do “hic et nunc”, expande-se para além do espaço, prolongando a temporalidade das relações e do diálogo numa dimensão temporal continuada. A comunidade é hoje “sempre *on-line*” e habita uma geografia informativa, atópica, dinâmica e difícil de definir, capaz de reconstruir espaço, temporalidade e, portanto, comunidade, com formato e dinâmicas espontâneas e sempre novas. Cabe à pastoral tornar-se presença e comunidade em tempo e espaços novos e em contextos não apenas comunicativos, isto é, caracterizados apenas pela troca de informações, mas, sobretudo, em dinamismos habitativos, nos quais é necessário tomar a particular forma da arquitetura interativa em rede para poder” ser comum. ●

Referências

- BARABÁSI, A. L. *Linked: The New Science of Networks*. Perseus Books Group, 2002.
- BOAVENTURA, S. *Breviloquium*. Vicenza: Edizioni L.I.E.F., 1991.
- DI FELICE, M; TORRES, J. C.; YANAZE, L. K. H. *Redes digitais e sustentabilidade – as interações com o meio ambiente na era da informação*. São Paulo: Annablume, 2012.
- GRANOVETTER, Mark S. *The strength of weak ties*. *American Journal of Sociology*, v. 78, n. 6, 1973.
- LATOUR, B. *Reagregando o Social*. Bauru: Edusc, 2012.
- LEMOIS, A. *Cibercultura*. Porto Alegre: Sulinas, 2002.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1993.
- MAFFESOLI, M. *Au creux des apparences. Pour une éthique de l'esthétique*. Paris: Plon, 1990.
- MEYROWITZ, J. *No sense of place. The Impact of Electronic Media on Social Behaviour*. Oxford University Press, 1994.
- RAINIE, Lee; WELLMAN, Barry. *Networked – il nuovo sistema operativo sociale*. Milano: Guerini Scientifica, 2012.
- TURKLE, S. *Alone together*. Basic Books, 2011.



Comunidade de comunidades: evangelização e cultura do encontro

Impulsos para uma agenda pastoral

Paulo Suess*

A cultura do encontro é, segundo o papa Francisco, avessa ao “assédio espiritual”. A paciência de escutar e servir é mais importante do que a fala normativa e imperativa daquele que quer que o outro assuma suas convicções. Qual é a finalidade e quem é o destinatário desse encontro? O papa responde: a carência daquele que tem a maior necessidade “multiplica a capacidade de amar”. Além da gratuidade do amor, a cultura do encontro aponta também para a racionalidade da verdade. Nosso “ir ao encontro” é a atitude de deixar Deus, através de nós, “atrair” os fugitivos de sua bondade e verdade. No encontro, em 29 de agosto de 2013, com jovens da diocese italiana de Piacenza-Bobbio, o papa Francisco deu também à verdade essa dimensão do encontro: “A gente não tem a verdade, não a carregamos conosco, mas a gente vai ao seu encontro. É o encontro com a verdade, que é Deus, mas precisamos procurá-la”, às vezes jogada na lama (EG 49).

*Estudou nas Universidades de Munique, Lovaina e Münster, onde se doutorou em Teologia Fundamental. Por dez anos, trabalhou na Amazônia e, a partir de 1979, exerceu o cargo de secretário-geral do Conselho Indigenista Missionário (CIMI). Em 1987, fundou o Departamento de Pós-Graduação em Missiologia, em São Paulo. Entre 2000 e 2004, foi presidente da Associação Internacional de Missiologia (IAMS). Atualmente é assessor teológico do CIMI e professor do Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP), no ciclo de pós-graduação em Missiologia. E-mail: suesspaulo@gmail.com.



O berço das obras de Tiago Alberione, cujo centenário celebramos neste simpósio, era a Escola Tipográfica Pequeno Operário, que, como “escola”, apontava para um programa educativo e, como “tipografia”, para uma ampla divulgação, e com seus destinatários, que seriam “pequenos operários”, advertia para uma nova “sensibilidade social”. Dessa obra nasceu a Pia Sociedade de São Paulo, com suas ramificações, e toda a Família Paulina, que antecipou um princípio de hoje: a diversificação dos empreendimentos aos quais deu o significado de comunicação sem fronteiras, de ruptura paroquial e missão até os confins do mundo. Quando os primeiros emissários da Família Paulina chegaram ao Brasil de Getúlio Vargas, em 1931, a missão dessa família religiosa iniciava sua presença internacional.

Proponho rever a longa caminhada da comunicação da humanidade. Essa evolução foi acelerada por grandes invenções tecnológicas até chegar ao mundo digitalizado e seus desafios. Por fim, procuro ver até que ponto essas invenções favorecem ou estorvam a comunicação e a construção de uma cultura do encontro.

1. Genealogia da comunicação

Grosso modo, podem-se elencar quatro passos relevantes para a transmissão e divulgação do pensamento humano: o surgimento da língua, da escrita, do livro e do mundo digitalizado. Com cada passo dessa evolução, cresceu o número de usuários e possíveis destinatários. Hoje diríamos: cresceu a potencialidade do mercado editorial e da ação pastoral. Nessa caminhada, a missão dirigida *ad gentes* transformou-se em missão real e virtual sem fronteiras.

1.1. Da oralidade à escrita

Em algum momento na Antiguidade, entre 800 e 200 a.C., e em lugares geograficamente muito distantes, se produziu uma ruptura nessas regiões. É o tempo dos pensadores ambulantes na China, dos ascetas na Índia e dos filósofos na Grécia. Na Palestina, surgiram os profetas Isaías, Jeremias e o Dêutero-Isaías. Karl Jaspers cunhou para essa época a expressão “tempo axial”. Esse “tempo axial” forjou “religiões segundas”

que até hoje coexistem com as “religiões primeiras”. As “religiões segundas” são religiões da escrita e do livro sagrado, religiões monoteístas que remotam a atos ou eventos de fundação e revelação. São religiões universais e mundiais, com fortes convicções de sua

ortodoxia e verdade. O judeu-cristianismo é uma dessas “religiões segundas”.

A conquista da escrita, incluindo China, México, Europa e o mundo árabe, já é urbana. Nesse mundo, as novas religiões se emanciparam não só da natureza e da cosmovisão correspondente, mas também da tribo, do povo, do próprio Estado e da cultura local. Essa “emancipação” permite que a religião ultrapasse as fronteiras de um país e se torne missionária até os confins do mundo. O ponto central desse surgimento das “religiões segundas” é o discernimento entre o Deus verdadeiro e os deuses falsos, entre a “verdadeira religião” e a “falsa religião”, entre ortodoxia e heresia. As verdades dos outros são mentiras. As “religiões segundas” encontram nas “religiões primeiras” idolatria e magia. Na colonização das Américas, repetiu-se essa desclassificação das “religiões primeiras”, cujo pluralismo representou um grande obstáculo para a missão. A oralidade diversificada representava um obstáculo insuperável para a transmissão do Evangelho.

**“A missão
dirigida *ad gentes*
transformou-se em
missão real e virtual
sem fronteiras.”**



O jesuíta José de Acosta, provincial no vice-reinado do Peru, lamenta em seu *Tratado De procuranda indorum salute* (1576) com certa resignação: “Dizem que, em outros tempos, com 72 línguas, entrou a confusão no gênero humano; mas esses bárbaros têm mais de 700 línguas [...]”.¹ E Antônio Vieira, em seu *Sermão da Epifania*, lamenta, um século mais tarde: “Na antiga Babel houve 72 línguas; na Babel do rio das Amazonas já se conhecem mais de 150, tão diversas entre si como a nossa e a grega; e assim, quando lá chegamos, todos nós somos mudos, e todos eles, surdos”.²

A solução que os primeiros missionários encontraram foi o bilinguismo: trabalharam, segundo as regiões, com uma língua geral, segundo as regiões guarani, kechua, nahuatl e com a língua do colonizador. Ainda hoje temos catecismos daquela época em línguas indígenas.

Mas a escrita e a tradução de conteúdos essenciais não rompeu com a colonização. A voz autorizada de Lévi-Strauss, em seu diário de campo entre os bororo do Mato Grosso, nos faz pensar sobre a ambivalência da escrita:

O único fenômeno que a tem fielmente acompanhado [a escrita] é a formação das cidades e dos impérios, isto é, a integração num sistema político de um número considerável de indivíduos e a sua hierarquização em castas e em classes. Essa é, em todo caso, a evolução típica à qual se assiste desde o Egito até a China, quando a escrita surge: ela parece favorecer a exploração dos homens, antes da sua iluminação. [...] Se a minha hipótese for exata, é necessário admitir que a função primária da publicação escrita foi a de facilitar a servidão.³

1 José de ACOSTA, “*De procuranda indorum salute*”, em *Obras del padre José de Acosta*, Madri, Ed. Atlas (B.A.E. 73), 1954, pág. 399 (liv. 1, cap. 2).

2 Antônio VIEIRA, “*Sermão da Epifania*” (1662), Porto, Ed. Lello & Irmão, 1959, vol. 1, tomo 2, I/4, pág. 24.

3 Claude LÉVI-STRAUSS, *Tristes trópicos*, Lisboa, Ed. 70, 1993, p. 283s.

Não deixeis que vos roubem a esperança

Papa Francisco



Compilação de traduções de audiências e discursos do Papa Francisco.

“O livro do Gênesis narra que Deus criou o homem e a mulher, confiando-lhes a tarefa de preencher a terra e submetê-la, que não significa explorá-la, mas cultivá-la e custodiá-la, cuidar dela com o próprio trabalho. O trabalho faz parte do plano de amor de Deus, nós somos chamados a cultivar e custodiar todos os bens da criação, e desse modo participamos na obra da criação! O trabalho, para usar uma imagem, nos “unge” de dignidade; torna-nos semelhantes a Deus, que trabalhou e trabalha, age sempre.”

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





A escrita rompeu com a inocência e ingenuidade da oralidade local, mas está na origem de uma memória de longo alcance. A ambivalência faz parte intrínseca de todas as invenções culturais. Sempre têm qualidades de um *phármakon*, que significa, na língua de Sócrates, “remédio” e “veneno”, porque podem ser referenciais para invocar a paz e para praticar a violência.

1.2. Do livro sagrado ao mercado editorial digitalizado

A escrita permitiu confeccionar livros sagrados que sustentaram guerras sangrentas em nome de verdades absolutas guardadas neles. As religiões que assumiram o poder do Estado eram incapazes de garantir a paz entre os povos. A modernidade, com seus eixos de esclarecimento, individualização e secularização, produziu um segundo “tempo axial”, através da separação entre Igreja, credo e Estado. Agora, os mitos e as verdades das respectivas religiões e suas práticas rituais e/ou sacramentais não pertencem mais a uma esfera do cultural e politicamente correto. As religiões podem ter a sua vida própria numa escala entre exotismo e contestação, entre alienação e engajamento, desde que aceitem coexistir com outros credos. As religiões saíram da clandestinidade mantida pelos credos hegemônicos.

2. Desafios, promessas e ambivalências do mundo digital

O aprendizado da convivência pacífica num mundo pluricultural e a passagem do mundo analógico ao cosmo digitalizado abriram espaços necessários para a comunicação sem fronteiras. Cada passo dessa evolução da

oralidade à digitalização amplia as possibilidades dos passos anteriores, sem suspendê-los. As redes digitalizadas não suspendem a comunicação oral; a distância física mantida e, ao mesmo tempo, superada pelo e-mail não dispensa a proximidade do corpo a corpo do encontro. Oralidade, escrita, mundo analógico e digitalizado convivem numa tensão produtiva. A pastoral precisa se reinventar em sua oralidade, escrita e no mundo digital.

O mundo digital produziu o fenômeno do crescimento numérico dos usuários, clientes ou destinatários, subordinados ao crescimento dos lucros comerciais. A prosperidade comercial – o sonho de alguns setores eclesiais – deveria oferecer possibilidades de domesticação a serviço de uma pastoral sem fronteiras. Mas sabemos também que tudo que alimenta perspectivas de lucro e não gratuidade nunca serviu de suporte para o anúncio da Boa-Nova.

“A distância física mantida e, ao mesmo tempo, superada pelo e-mail não dispensa a proximidade do corpo a corpo do encontro.”

2.1. Fronteiras no mundo sem fronteiras

As novas oportunidades do mundo digitalizado nos permitem realmente chegar aos confins do mundo e do tempo. Quem puxa a evolução tecnológica rasante é a dinâmica do capitalismo e sua perspectiva de lucro. Hoje, dois terços do comércio da Europa passam pelo *e-commerce*, que exige confiança dos clientes e velocidade dos seus funcionários e racionalidade comercial dos produtores. Racionalidade comercial significa atitudes concorrenciais impiedosas. Como “pastoral e comunicação” se encaixam nesse mundo digitalizado, cuja velocidade anula as possibilidades do encontro ou reduz o encontro a passagens de relâmpagos e transforma os evangelizadores em motoristas de Fórmula 1? A *Evangelii gaudium* nos responde:



Um dos pecados que, às vezes, se nota na atividade sociopolítica é privilegiar os espaços de poder em vez dos tempos dos processos. Dar prioridade ao espaço leva-nos a proceder como loucos para resolver tudo no momento presente [...]. Dar prioridade ao tempo é ocupar-se mais com iniciar processos do que possuir espaços (EG 223).

Quem considera uma de suas prioridades pastorais “a propagação da Palavra de Deus”, como as fundações de Tiago Alberione, obrigatoriamente está de olho nesse *e-commerce* que oferece seus trilhos para a divulgação não comercial não só da Bíblia, mas também de tudo que está sendo escrito para dar sentido à caminhada humana e divulgar testemunhos de vidas doadas para o bem do outro. Divulgação não comercial não quer dizer divulgação gratuita. O que na internet é oferecido como “gratuito”, como “brinde” ou como boa notícia do “você ganhou”, tudo é mentiroso e pago pela propaganda ou pela espionagem.

A pergunta, aparentemente inocente, que precede cada postagem no Facebook: “No que você está pensando?”, parece mais apropriada para o confessorário ou para uma sessão psicoterapêutica do que para uma declaração pública na rede. Com nossa resposta à pergunta “no que você está pensando”, a rede aproveita para nos enviar uma seleção de “amigos” e oferta de “mercadorias” com afinidade às nossas respostas. Precisamos ter medo diante do Facebook, Google, Wikipedia, Android, Dropbox, OneDrive? O Google é não somente a máquina de busca mais usada e com informações tendenciosas, mas também o Youtube é do Google; com o Google Chrome, é o proprietário do maior *browser*; com o Gmail, dispõe do mais usado serviço de *e-mail*; com Google Drive, tem um respeitável administrador de 15 GB de arquivos gratuitos nas “nuvens” para cada usuário

Reconstruindo a esperança

Agenor Brieghenti



Agenor Brieghenti é doutor pela Universidade Católica de Lovaina. Sua especialidade pastoral transparece na obra “Reconstruindo a Esperança”, suas reflexões amparam paróquias cercadas de desafios trazidos pela pós-modernidade. “O planejamento é precioso instrumento para o exercício da criatividade, na liberdade no discernimento comunitário. No momento presente, urge sonhar, projetar um futuro desejável, crescentemente melhor, apoiados na experiência do passado; abrem novos caminhos os que teimam em reinventar o passado. É necessário nunca perder de vista a experiência, seja ela marcada por conquistas, seja por fracassos, sob pena de não dispor da base necessária para, sobre ela, edificar o novo.”

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





do Gmail, e com o Android, o maior sistema operacional do ramo.

Em 2013, o Google lucrou 13 bilhões de dólares. Na realidade brasileira, passou quase despercebida a compra da Titan Aerospace, fabricante de veículos aéreos não tripulados, conhecidos como *drones*. Nessa compra, o Google venceu o Facebook de Mark Zuckerberg, que estava negociando a compra da Titan por US\$ 60 milhões. O Google e o Facebook anunciaram que seus respectivos projetos irão levar a internet a lugares mais remotos e, assim, criar novos clientes. As dificuldades técnicas de utilizar um *drone* movido a energia solar para transmitir a internet em locais sem rede física ou sem torres de telecomunicações são enormes, como são grandes as promessas de milhões de novos usuários e milhares de milhões de receita. Os *drones* espaciais equipados com dispositivos de captação de imagens em tempo real vão transformar o Maps do Google em informante implacável e destruidor das fronteiras entre a esfera pública e a privada.

2.2. Neocolonialismo do mundo digital

Num momento de um acentuado “êxodo eclesial”, a promessa do mundo digital de criar possibilidades de não somente impedir a “fuga”, mas também de “segurar a clientela” e de aumentar o número dos católicos, é tentadora. Ampliar as possibilidades do raio pastoral, até hoje não suficientemente contemplado, e o descontentamento com o estatuto do “pequeno rebanho” parece vital. Para a formação dos nossos quadros pastorais, faz-se necessária uma nova matéria curricular: “Perspectivas e práticas do mundo digitalizado em catequese e pastoral”. Mas quais são

essas perspectivas? As novas tecnologias resolvem apenas uma parte do problema que os “condomínios fechados”, um conglomerado de muros reais, mas também de muros ideológicos, de desinteresse, cansaço e protesto, criaram.

Durante o sistema colonial, a experiência pastoral nos ensinou que os meios e sistemas não são veículos inocentes que permitem uma divisão de trabalho entre os que estão de olho no ouro e os que querem salvar almas. Podemos navegar com as naus do colonizador sem colonizar? Colonizar significa não somente desapropriar o colonizado de seu “ouro”. Significa também impor a própria ideologia do colonizador ao colonizado. Se o meio faz parte da mensagem, como Marshall McLuhan nos ensinou, qual é a mensagem do mundo digitalizado e seu efeito colateral, que ressoa além do sem-número de novos destinatários que todos gostariam de alcançar?

Outro atrativo do mundo digitalizado e das novas tecnologias de comunicação é o crescimento do desejo insaciável de lucro que, de certo modo, escraviza, novamente, os seus destinatários. Podemos mergulhar no mundo digital, sem molhar-nos nas águas do lucro, do mercado, da alienação e dos deslizes da propaganda? Podemos ser pré-modernos, modernos e pós-modernos ao mesmo tempo, já que essas três dimensões se sobrepõem no entrelaçamento da oralidade, da escrita e da digitalização?

3. Construção da cultura do encontro em comunidades e redes

“Nova colonização”, “distância física” e “relacionamentos” desiguais entre destinatários e emissores de mensagens caracterizam as desvantagens do mundo digital. Sem des-

“A pastoral do encontro prioriza o relacionamento igualitário entre destinatário e emissor de mensagens, porque ambos são agentes de pastoral e sujeitos da evangelização.”



prezar as novas possibilidades do mundo digital, a pastoral deve priorizar os trilhos da presença mística e da profecia que atravessam a “cultura do encontro”.

3.1. Dimensão mística

A pastoral do encontro prioriza o relacionamento igualitário entre destinatário e emissor de mensagens, porque ambos são agentes de pastoral e sujeitos da evangelização. O sonho do número grande ou até da totalidade dos destinatários, alimentado pelo mundo digital, é pago com a moeda da amizade que exige proximidade: “Só a proximidade que nos faz amigos nos permite apreciar profundamente os valores dos pobres de hoje, seus legítimos desejos e seu modo próprio de viver a fé. A opção pelos pobres deve conduzir-nos à amizade com os pobres. Dia a dia os pobres se fazem sujeitos da evangelização e da promoção humana integral (DAP 398)”.

Os pobres representam o ponto de partida, não a totalidade dos sujeitos da pastoral, que são os batizados: “Cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização [...]. A nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados” (EG 120): “A melhor motivação para se decidir a comunicar o Evangelho é contemplá-lo com amor [...]. Por isso, é urgente recuperar um espírito contemplativo” (EG 264).

Além das questões meramente econômicas que tratam da geração de lucros, se impõem questões político-culturais ao debate, como, por exemplo, a questão entre chaves de comunicação universal, que o mundo digital oferece, e a questão de comunicação contextual e cultural que emerge da oralidade.

A roda da “conversão pastoral” deve girar em torno dos dois eixos da multiplicação dos destinatários, e da contextualização cultural (encarnação) da mensagem. Trata-se da inte-

Juventude e vocações hoje Caminhos e perspectivas para uma pastoral vocacional

Sebastião Corrêa Neto



A nova realidade pós-moderna dificulta o encontro vocacional. Este livro oferece duas linhas de trabalho: o acompanhamento da evangelização da juventude com seus desafios atuais e o contexto de formação presbiteral. “Apaixonados por uma Igreja que se deixa evangelizar, que escuta e oferece como serviço humilde aquilo que carrega em vasos de barro; uma Igreja que saiba contemplar o divino no jovem e o cativo pelo amor.” Padre Sebastião Corrêa Neto é graduado em Filosofia e Teologia pela PUC-Minas e pós-graduado em Formação Presbiteral pelo ISTA. Especializou na formação e evangelização da juventude.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





gração de uma tarefa bipolar na agenda pastoral: da integração de uma contextualização universal e de uma universalidade contextualizada. O preço que a pastoral pagaria pela mera universalização digitalizada seria o esfriamento das relações humanas, e, pela mera contextualização, o encolhimento numérico e o encurtamento do horizonte para níveis paroquiais fechados. Não temos a possibilidade de escolher entre um ou outro em torno dos quais se criariam grupos de partidários militantes e seus grupos opostos. Os místicos, como Nicolau de Cusa, nos falam da coincidência dos opostos, assumida na *Evangelii gaudium* do papa Francisco. É possível:

[...] desenvolver uma comunhão nas diferenças, que pode ser facilitada só por pessoas magnânimas que têm a coragem de ultrapassar a superfície conflitual e consideram os outros na sua dignidade mais profunda. Por isso, é necessário postular um princípio que é indispensável para construir a amizade social: a unidade

é superior ao conflito. A solidariedade, entendida no seu sentido mais profundo e desafiador, torna-se, assim, um estilo de construção da história, um âmbito vital onde os conflitos, as tensões e os opostos podem alcançar uma unidade multifacetada que gera nova vida. Não é apostar no sincretismo ou na absorção de um no outro, mas na resolução num plano superior que conserva em si as preciosas potencialidades das polaridades em contraste (EG 228).

A “unidade multifacetada que gera nova vida” e “conserva em si as preciosas potencialidades das polaridades em contraste” é, desde tempos primordiais, o sonho dos místicos. Romper os contextos sem destruí-los, e caminhar em direção do mistério da unidade tri-

**“A mística do encontro,
de viver juntos,
misturar-nos, ” não
é uma mística pré-
moderna e tribal de
um comunitarismo
historicamente
caducado.”**

nitária de Deus – eis o caminho que prepara a recapitulação do cosmo em Cristo, que é a nossa paz. “Desenvolver uma cultura do encontro numa harmonia pluriforme” (EG 220) é um caminho lento e árduo. Nessa perspectiva, por ser desinteressada em poder e lucro, a comunicação universal que acolhe as diferenças num diálogo produtivo é possível, além e aquém do mundo digitalizado comercializado. Os místicos diriam: desenterrar Deus, que, como Verbo, nos faz participar de sua ressurreição na vida cotidiana.

3.2. Dimensão profética

Por acompanhar, assumir e contestar as grandes tendências da época, a evangelização radical na cultura do encontro faz parte de uma pastoral profética. As “grandes tendências” não levam em conta os destinatários como sujeitos ou protagonistas. Os batizados que defendem os pobres e os outros como uma causa do Reino sempre se encontram no centro de conflitos sociais e cultu-

rais. A união com Jesus Cristo “através dos pobres é uma dimensão constitutiva de nossa fé [...]. A mesma união [...] nos faz amigos dos pobres e solidários com seu destino” (DAP 257).

A comunicação com esses nossos amigos é uma meta permanente. Ela não flui por causa de barreiras estruturais e pessoais. A real comunicação aponta sempre para rupturas sistêmicas e conversão pessoal. Numa sociedade de classe, a comunicação é sistemicamente travada por grandes desigualdades sociais. Mas, mesmo imaginando estruturas que superaram as desigualdades, a comunicação está cheia de ruídos por causa de relações inautênticas de indivíduos alienados. Ruptura e conversão têm dimensões religiosas, sociais, políticas, éticas, econômicas e escatológicas.



A dimensão profética opõe-se à comunicação universal digitalizada como comunicação descontextualizada. Ao mesmo tempo, luta pela presença microestrutural e manutenção do calor humano nas situações existenciais da vida humana mutilada.

A pastoral profética é, segundo o Documento de Aparecida, uma função de sua eclesialidade: a Igreja “é chamada a ser sacramento de amor, solidariedade e justiça” (DAP 396), e está “convocada a ser ‘advogada da justiça e defensora dos pobres’” (DAP 395, cf. DAP 508). “Em sua missão de advogada da justiça e dos pobres, a Igreja se faz solidária” (DAP 533, cf. DAP 508), e assume “a atitude de compaixão e cuidado do Pai, que se manifesta na ação libertadora de Jesus” (DAP 532).

O anúncio da Boa-Nova aos pobres e sua defesa caracterizam a dimensão pneumatológica da pastoral. O Espírito Santo, que invocamos como Paráclito, é advogado e defensor do “pequeno operário”, dos pobres e dos outros. Se a pastoral é o carisma do conjunto das fundações de Alberione, da Família Paulina,⁴ e da Igreja como tal, que propõem “conversão pastoral” (DAP 366) para louvar a Deus na humanidade ferida, então precisamos refletir estratégias de um novo paradigma da Igreja universal em contextos cuja meta e obstáculo a Exortação *Evangelii gaudium* enfatiza:

Neste tempo em que as redes e demais instrumentos da comunicação humana alcançaram progressos inauditos, sentimos o desafio de descobrir e transmitir a “mística” de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada. Assim, as maiores possibilidades de comunicação traduzir-se-ão em novas oportunidades de encontro e solidariedade entre todos (EG 87).

“A mística de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos” não é uma mística pré-moderna e tribal de um comunitarismo historicamente caducado, mas uma construção social que permite a convivência pacífica da humanidade em sua diversidade. A “maré um pouco caótica” foi castigada por ventos que se opõem a essa mística. O termo “comunidade” aponta para realidades sociais contextuais nem sempre intercomunicáveis. “Comunidade” pode apontar para uma comunidade na qual prevalecem códigos fechados ou abertos, para uma comunidade agrária e oral, uma comunidade científica, indígena e indigenista, pré-moderna, industrial e pós-industrial. A invenção da escrita, do livro e do computador pode perpassar todas elas.

A invenção da tipografia nos trouxe não só a Bíblia de Lutero, mas também a agenda, com seu impacto sobre nosso tempo disponível e os donos dos meios de produção de livros e jornais. A digitalização consome mais tempo que libera para a evangelização no interior de uma expressão da cultura do encontro. Redimensionar os imperativos universais da digitalização, que nos abrem horizontes fascinantes, significa não permitir que se tornem donos do nosso tempo e não permitir a cristalização de processos (cf. EG 223).

Quem são as pessoas e os meios que contribuem para a construção de comunidades através de processos escondidos e abrem mão de resultados visíveis e imediatos? A *Evangelii gaudium* nos dá uma resposta com um critério enunciado por Romano Guardini: “O único padrão para avaliar justamente uma época é perguntar-se até que ponto, nela, se desenvolve e alcança uma autêntica razão de ser a plenitude da existência humana, de acordo com o caráter peculiar e as possibilidades da dita época” (EG 224).

Se a palavra “encontro” é a palavra-chave que se tornou conceito pastoral como “cultura do encontro”, então queremos saber “como projetar, numa cultura que privilegie o diálogo

⁴ Silvio SASSI, “O carisma paulino é pastoral”, Carta do Superior-Geral, Paulus, port., 2013 [uso interno].



go como forma de encontro, a busca de consenso e de acordos, mas sem a separar da preocupação por uma sociedade justa, capaz de memória e sem exclusões. [...] Trata-se de um acordo para viver juntos, de um pacto social e cultural (EG 239). No início dessa cultura do encontro está o encontro dos encontros com Deus-Pai e com Jesus Cristo, que ele nos enviou: “A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. 1 Jo 4,10)” (EG 24).

A busca e descoberta do amor de Deus no lugar do encontro faz o “assédio espiritual” desnecessário: “As maiores possibilidades de comunicação traduzir-se-ão em novas oportunidades de encontro e solidariedade entre todos. [...] Fechar-se em si mesmo é provar o veneno amargo da imanência, e a humanidade perderá com cada opção egoísta que fizermos” (EG 87). A paciência de escutar, de ir ao encontro e servir é muito mais importante do que a fala normativa e imperativa daquele que quer que o outro assuma suas convicções.

Na linguagem da geração Facebook, as famílias fundadas por Tiago Alberione hoje são *communities* em redes, desafiadas pela urgência da caridade de Cristo, a velocidade de aparatos e pela lentidão do encontro face a face: “Assim como alguns quiseram um Cristo puramente espiritual, sem carne nem cruz, também se pretendem relações interpessoais mediadas apenas por sofisticados aparatos, por *écrans* e sistemas que se podem acender e apagar à vontade (EG 88). No mundo globa-

lizado, redes de fé, sem fronteiras, e comunidades que contextualizam amor e esperança, participação e presença, fraternidade e solidariedade, tornaram-se desafios gigantes. Proximidade e presença, universalidade e urgência pastoral se articulam em sete registros que fazem parte da “cultura do encontro”:

- mobilidade (mística do caminho e ruptura sistêmica);
- pluralidade (diálogos com o diferente);
- relevância (para os pobres e os outros);
- leveza (física e estrutural, simplicidade de doutrinas e da vida);
- visibilidade (sinal que renuncia à totalidade sem abrir mão de sua missionariedade);
- conectividade (proximidade universal e capacidade de articulação) e
- transparência (visão além e aquém das coisas tangíveis).

Com suas tensões geradoras, nos convidam

a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com o seu sofrimento e suas reivindicações [...]. A verdadeira fé no Filho de Deus feito carne é inseparável do dom de si mesmo, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com a carne dos outros. Na sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura (EG 88).

Benedictus qui audit et audet! – Abençoado aquele que escuta e arrisca! ●

ABC da Bíblia

Trata-se de um livrete-programa para cinco encontros, destinado às comunidades de base, círculos bíblicos e outros grupos dedicados ao estudo da Bíblia. É útil também para uma leitura pessoal. De apresentação bastante simples, não oferece dificuldade para o leitor de nenhuma categoria social. (40 páginas)

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011 | SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL | paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.



Comunicação: eixo da ação pastoral da Igreja

Joana T. Puntel, fsp*

A comunicação como elemento articulador das mudanças na sociedade. O beato Tiago Alberione, fundador da Família Paulina, no início do século XX, intui o significado e a importância da comunicação como “eixo” sobre o qual se movem as pastorais. Alberione introduz então na Igreja um carisma pastoral: evangelizar com a comunicação. O elo comunicação e pastoral faz parte da nova evangelização, nas mais variadas exigências do mundo contemporâneo, especialmente a crise da transmissão da fé. O “eixo” é dinâmico, evolui com os tempos; as pastorais, para realizar o diálogo entre fé e cultura, devem entrar no dinamismo atual da comunicação.

* Irmã paulina, doutora em Ciências da Comunicação pela Simon Fraser University (Vancouver, Canadá) e Universidade de São Paulo, com pós-doutorado pela London School of Economics and Political Science (Londres, Inglaterra). Docente na FAPCOM e no SEPAC. Pesquisadora, conferencista na área de pastoral da comunicação; tem várias publicações na área da Comunicação, Igreja e Cultura. E-mail: joana.puntel@gmail.com.



Introdução

Na comunicação vista como elemento articulador das mudanças na sociedade, encontra-se o bem-aventurado Tiago Alberione, fundador da Família Paulina, no início do século XX. Alberione intui, na sua época, o significado e a importância da comunicação como “eixo” sobre o qual se movem as pastorais, e introduz na Igreja um carisma pastoral: evangelizar com a comunicação. O elo comunicação e pastoral faz parte da nova evangelização. O “eixo” é dinâmico, e as pastorais, para realizar o diálogo entre fé e cultura, devem entrar no dinamismo atual da comunicação.

1. Comunicação como elemento articulador das mudanças na sociedade

Ao considerar a comunicação como *eixo* da ação pastoral da Igreja, faz-se necessário explicitar o que se entende dizer com a palavra *eixo*: uma peça simples, em contínuo movimento, que é o suporte para o movimento de outras peças, enfim, que é imprescindível para que outros componentes de um todo se movam. Pode parecer simplista e até estranha, ou até mesmo audaciosa, a pretensão de afirmar que a comunicação é o eixo da ação pastoral. Não se trata de assegurar que a comunicação é o centro; este é Jesus Cristo, mas a comunicação é o que move a ação pastoral em direção a esse Jesus Cristo.

Fundamentando o que se acaba de dizer, o Documento de Aparecida (n. 484), que nos interpela para o discipulado e a missionariedade, afirma: “a comunicação é o elemento articulador das mudanças na sociedade”. A ação pastoral da Igreja deve estar em sintonia com as mudanças que se realizam na socieda-

de para poder dialogar com as pessoas de hoje: diálogo entre fé e cultura – três palavras indispensáveis para a fundamentação das mais variadas tipologias de pastorais.

**“Não se trata
somente de observar
as inúmeras novas
tecnologias que
surgem e que hoje
chamamos de cultura
digital, mas de
alargar o horizonte
e alcançar o ser
humano.”**

Esse eixo traz algumas exigências do que significa *ser/estar* na sociedade hoje e, por conseguinte, desenvolver uma ação pastoral eficiente, competente, que realmente realize e consolide o diálogo entre a fé e a cultura. Quais seriam essas exigências? Entre tantas, aponta-se o que parece essencial: alargar os horizontes e sensibilidade aos sinais dos tempos – uma grande e profunda visão da sociedade, onde vive o ser humano, objeto da nossa pastoral. Considerando essa importância, a Igreja, nos seus documentos, insiste progres-

sivamente na necessidade do compreender, do educar-se para a comunicação e, naturalmente, para as suas interações, pois estamos diante de um “novo sujeito” a ser evangelizado na sociedade contemporânea. Portanto, o diálogo entre fé e cultura se faz indispensável no olhar sobre a cidade.

Alargar os horizontes: visão e sensibilidade

A pergunta, do ponto de vista da evangelização, é: o que está acontecendo com o ser humano em meio às mudanças, inclusive estruturais, que a sociedade vive hoje? Pois não se trata somente de observar as inúmeras novas tecnologias que surgem e que hoje chamamos de cultura digital, mas de alargar o horizonte e alcançar o ser humano – o que acontece com ele? Nasce um novo antropológico. E isso interessa à pastoral.

Parte apreciável das mudanças na forma de viver (MORAES, 2006) vincula-se à primazia da comunicação na ambiência tecnocultural e digital. Redes infoeletrônicas, satélites e fibras ópticas atravessam a Terra, interligando



povos, países, culturas e economias.

Não há dúvida de que a sociedade contemporânea está imersa em um espaço midiático (SODRÉ, 2006, p. 16) regido pelas novas tecnologias e moldado pelo virtual. O que ocorre (e é o “novo”!) é que a comunicação centralizada, unidirecional (unilinear) e vertical é *transformada* especialmente pela ambiência proporcionada pelas redes digitais. Nesse contexto, a mídia deixa de ser um campo fechado em si, de utilidades apenas instrumentais, e passa à condição de produtora dos sentidos sociais.

Esse novo modo de ser no mundo está relacionado com o fato de que, hoje, as novas gerações já são nativas digitais. Muito mais do que antes, somos seres em comunicação global. Esse é um modo de ser em rede comunicacional. Há um processo, pode-se dizer, de superação da existência individual para o estabelecimento de um corpo coletivo. Por isso, afirma o pesquisador Pedro Gilberto Gomes (2009, p. 5), “a tecnologia digital está colocando a humanidade num patamar distinto. Esse patamar, muito embora tenha raízes no progresso anterior, representa a constituição de uma nova ambiência social”.

Tal fato é um salto qualitativo porque representa um estágio superior do qual não há volta. Exemplifica o pesquisador que, assim como a invenção do alfabeto foi um salto qualitativo com respeito à oralidade, e a eletricidade com respeito ao vapor, a tecnologia digital está colocando as pessoas em uma nova ambiência social.

Afirma o comunicólogo Muniz Sodré (2009, p. 8) que estamos vivendo um quarto bios que implica uma nova tecnologia perceptiva e mental, portanto, um novo tipo de relacionamento do indivíduo com as referências concretas e com a verdade, ou seja, uma outra condição antropológica. Em outras palavras, está se gerando uma nova ecologia simbólica, isto é, há uma alteração nos modos de percepção e práticas correntes na mídia tradicional;

uma alteração nos comportamentos e atitudes na esfera dos costumes normalmente pautados pela mídia. Surge, então, no entender de Sodré, um novo *éthos*: um novo *habitat*, uma atmosfera afetiva (emoções, sentimentos, atitudes) em que se movimenta determinada formação social. “O *éthos* caracteriza-se pela manifesta articulação dos meios de comunicação e informação com a vida social.” Ou seja, os mecanismos de conteúdos culturais e de formação das crenças são atravessados pelas tecnologias de interação ou contato.

2. Tiago Alberione: exemplo de visão e sensibilidade – sintonia com os tempos

Ao longo da história, encontramos pessoas que souberam “alargar o olhar, ter visão e sensibilidade aos sinais dos tempos” para fazer o bem. E são inúmeros os pontos luminosos que “semearam” a história. Foi cultivando a visão sobre o mundo, a sociedade do novo século que nascia (1800 para o 1900), que um pequeno-grande homem, Tiago Alberione, dócil ao Espírito, despontou como ponto luminoso na Igreja, profundamente sintonizado com a realidade sociocultural e eclesial. Ele despertou, inquietou-se e perguntou ao Senhor: “O que fazer pelos homens do novo século?”. Sua inquietação naquele contexto nascia de um chamado para proclamar a Palavra de Deus com os modernos meios de comunicação, então florescentes. No início, certamente com a imprensa, depois com o rádio, a TV, chegou até a tentar o cinema, enfim, os audiovisuais, e, vislumbrando o futuro, disse: “Tudo que a ciência poderia oferecer para fazer o bem”. Era preciso alargar o horizonte, estar em sintonia com os tempos, para proclamar a Palavra de Deus. Tudo foi amadurecido na oração, e Tiago Alberione fundou então a Família Paulina, iniciando com os padres e irmãos paulinos; depois, com a valorização da mulher, vieram as irmãs paulinas: todos com



um carisma para a evangelização com a comunicação.¹

Alberione iniciou, assim, na Igreja, um estilo original de evangelização – santidade e apostolado com a imprensa e os sucessivos meios de comunicação, “a pregação escrita junto à pregação oral”.² A Igreja e a sociedade ganharam a Família Paulina para evangelizar com a comunicação. Ele intuiu o significado e a importância da comunicação como “eixo” sobre o qual se movem as pastorais. Introduziu, então, na Igreja um carisma pastoral: evangelizar com a comunicação.

As mudanças do contexto social influenciam sobre a pastoral. E Alberione chega a dizer em certa ocasião: “convém alargar [os horizontes], segundo as necessidades de hoje [...] Convém tomar o mundo e os homens como eles são hoje, para fazer o bem, hoje”. “Toda a Família Paulina orienta-se para a pastoral [...] Hoje, fala-se muito a respeito do espírito pastoral; no entanto, já faz algum tempo que esse espírito pastoral desperitou” (1965). Dar orientação moderna às obras é o que deduzimos de seu espírito profético e criativo. Assim, diz:

a religião, a doutrina, a moral, a ascética são imutáveis; no entanto, têm sofrido e sofrem ainda certo progresso accidental, porque vão sendo compreendidas pelos homens e se adaptam às necessidades dos tempos e das classes sociais. Nós devemos conduzir as almas ao paraíso; no entanto, devemos con-

duzir não aquelas que viveram dez séculos atrás, e sim aquelas que vivem hoje (*Anotações de Teologia Pastoral*, 92-93).

Havia muita preocupação de organizar as atividades apostólicas: a vontade de alcançar a todos, não somente os indivíduos, mas também a massa do povo e as classes cultas, a criatividade para ir ao encontro de necessidades reais das pessoas e a sensibilidade para conhecer o contexto social contemporâneo são as motivações profundas que levaram Alberione a amadurecer a ideia da evangelização com a comunicação para anunciar o Reino de Deus, e que ele confiou aos membros da Família Paulina. Vale ressaltar ainda a abertura de mente e o senso de missionariedade

de Alberione ao formar a Família Paulina: ele quis a presença da mulher associada ao zelo sacerdotal, daí a fundação de várias congregações femininas.³ Não se cansava de enfatizar, para os seus seguidores, que o equilíbrio do carisma paulino se compõe de uma contemplação com finalidade apostólica e de uma ação pastoral com motivos contemplativos.

O carisma paulino tem uma identidade pastoral e encontra na evangelização com a comunicação a sua permanente juventude (SASSI, 2013), lembrando-se que, desde o início, o bem-aventurado Tiago Alberione descreveu o carisma paulino como uma unidade indissolúvel de diversos elementos: “O mundo tem necessidade de uma nova, longa e profunda evangelização” (*La primavera paolina*, p. 680).

“Alberione intuiu o significado e a importância da comunicação como ‘eixo’ sobre o qual se movem as pastorais.”

3. A comunicação como eixo da ação pastoral da Igreja

O elo comunicação e pastoral faz parte da nova evangelização, nas mais variadas exigên-

1 A Família Paulina, fundada pelo bem-aventurado Tiago Alberione, iniciada em 1914, é composta pela Pia Sociedade de São Paulo (Padres e Irmãos Paulinos); pela Pia Sociedade Filhas de São Paulo (Irmãs Paulinas); pelas Irmãs Pias Discípulas do Divino Mestre; pelas Irmãs de Jesus Bom Pastor (Pastorinhas); pelas Irmãs de Nossa Senhora Rainha dos Apóstolos (Apostolinas); e pelos Institutos Seculares: Maria Santíssima da Anunciação (Anunciatinas), de São Gabriel Arcanjo (Gabrielinos), Santa Família, Jesus Sacerdote e União dos Cooperadores Paulinos.

2 *Apostolato stampa*, p. 24.

3 A essência do pensamento de Alberione sobre a mulher está no livro *A mulher associada ao zelo sacerdotal*.



cias do mundo contemporâneo, especialmente a crise da transmissão da fé. O “eixo” é dinâmico, evolui com os tempos; as pastorais, para realizar o diálogo entre fé e cultura, devem entrar no dinamismo atual da comunicação.

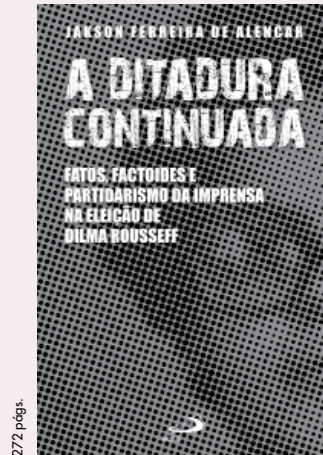
No contexto da cultura em que vivemos, faz-se necessário assumir a própria comunicação como eixo transversal de toda a ação pastoral. Isso requer o esforço para compreender a comunicação como uma experiência de vida. E aqui podemos sempre “linkar” com o pensamento do Magistério da Igreja, nas mensagens dos papas por ocasião do Dia Mundial das Comunicações, onde nos falam sobre a “Verdade, anúncio e autenticidade de vida na era digital” (2011), “Redes sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização” (2013) e “Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro” (2014), chamando-nos a atenção para o fato de descobrirmos como sermos cristãos no contexto das redes sociais.

As mensagens, então, tratam de uma perspectiva que assume a comunicação para além dos aparatos, e oferecem a reflexão sobre a necessidade de substituir o costumeiro deslumbramento perante as novas tecnologias pela reafirmação do ser humano como um ser de comunicação na comunidade e pela comunidade, integrando ecossistemas comunicativos abertos e criativos, sejam estes os espaços da família, da escola ou da paróquia, do ambiente de trabalho, ou da própria mídia (Bento XVI, 2010).

Em sua mensagem para o Dia Mundial das Comunicações (2010), Bento XVI adverte aos cristãos que, para dar respostas adequadas a questões no âmbito das grandes mudanças culturais, particularmente sentidas no mundo juvenil, as vias de comunicação, abertas pelas conquistas tecnológicas, tornaram-se um instrumento útil. De fato, pondo à nossa disposição meios que permitem uma capacidade de expressão praticamente ilimitada, o mundo digital abre perspectivas e concretizações notáveis ao incitamento paulino: “Ai de mim se não

A ditadura continuada **Fatos, factoides e partidarismo** **da imprensa na eleição** **de Dilma Rousseff**

Jakson de Alencar



Demonstra que os “jornalões” brasileiros, além de partidarizados, não têm compromisso nem mesmo com seus manuais de redação. A obra relembra que o golpe militar e a ditadura tiveram o apoio da mídia e identifica laços de continuidade do autoritarismo com a atuação da mídia no presente. Isso apareceu de maneira clara quando uma ex-militante da resistência à ditadura concorreu à presidência do país. Com esse viés, o livro analisa, além do caso da ficha falsa da candidata difundida na mídia, outros diversos episódios e orquestrações midiáticas durante a campanha, os quais misturaram com frequência fatos com opiniões e boatos, torcida, manifestação de desejos travestidos de informação.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





anunciar o Evangelho!” (1Cor 9,16).

Não há dúvida de que, como já dissemos, estamos imersos em uma cultura, um ambiente que se chama cultura digital, pois são milhões de pessoas que circulam no grande espaço que a internet oferece, à procura de informações, conteúdos, contatos, entretenimento, serviços, produtos. Assim, como afirma o recente Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil (2014), “deve-se entender a sociedade atual a partir dos processos de comunicação centrados na pessoa e nas relações entre ela, a sociedade e o mundo. A própria sociedade, seus indivíduos e instituições passam a tomar as mídias, suas práticas e lógicas como referência no estabelecimento de seus processos internos” (16). E João Paulo II (2005) afirmava: “A nossa época é um tempo de comunicação global, onde muitos momentos da existência humana se desenrolam através de processos midiáticos”. Isso proporciona o surgimento de novos ambientes de interação social, que possibilitam a homens e mulheres desenvolverem novos modos de ser pessoa, de estar na sociedade, de ser comunidade e de viver a fé.

Todas as transformações, as mudanças em que estamos imersos, apresentam desafios e oportunidades para a Igreja (e, portanto, as pastorais), neste início de século XXI, que convergem para a necessidade de uma revisão pastoral e cultural. Já nos dizia o Documento *Aetatis Novae* (4): “A revolução das comunicações afeta [...] a percepção que se pode ter da Igreja e contribui para a modelação das próprias estruturas e funcionamento. Tudo isso tem consequências pastorais importantes”.

Essa “revolução” impulsiona a Igreja a uma espécie de revisão pastoral e cultural, a fim de ser capaz de enfrentar de maneira apropriada a passagem de época que estamos vivendo, afirma João Paulo II. O descortinar desse novo tempo leva a Igreja a “se impregnar, sempre mais profun-

damente, no mundo mutável das comunicações sociais” (Dia Mundial das Comunicações, 2001). Para anunciar o Reino proposto por Jesus, “não basta utilizar a mídia para difundir a mensagem cristã e o Magistério da Igreja, mas é preciso integrar a própria mensagem nessa nova cultura criada a partir da comunicação moderna” (*Redemptoris missio*, n. 37). Trata-se de inculturar o Evangelho na comunicação atual.

“Substituir o costumeiro deslumbramento perante as novas tecnologias pela reafirmação do ser humano como um ser de comunicação na comunidade e pela comunidade.”

Comunicação como “habitação” de um mundo

Um dos pontos fundamentais, como parte da compreensão da “comunicação como eixo da ação pastoral da Igreja”, está na mudança de mentalidade em compreender a comunicação não reduzida a instrumentos, mas, segundo o pesquisador Luca Pandolfi:

pensar a comunicação como um lugar do qual nós fazemos parte e devemos habitá-lo segundo o estilo evangélico que, pouco por vez, procura os caminhos corretos para encarnar-se. Esta mudança de mentalidade é fundamental: faz pensar a evangelização como promoção de vida, isto é, como boa notícia que faz emergir a vida. O conceito de encarnação é o modo com o qual se evangeliza; uma evangelização sem encarnação não tem sentido.⁴

Dessa “habitação” do mundo, podemos observar que estão nascendo novas maneiras de pensar, de ensinar e de aprender. Portanto, não se trata simplesmente de adquirir um novo computador. A mudança consiste em uma passagem de uma “ideia” que possuíamos até o momento a respeito

4 Luca Pandolfi, “Nuovi Media e nuove mentalità di comunicazione”, conferência proferida em Roma, outubro de 2012. Tradução da autora. Luca Pandolfi, da diocese de Roma, professor de Antropologia Cultural e Sociologia da religião na Pontifícia Universidade Urbaniana, onde dirige o Centro de Comunicação Social.



do texto, da leitura. Dá-se uma mudança de método, isto é, escrever não é mais oferecer simplesmente uma mensagem pronta que comunica a intenção do autor, mas oferecer material para o trabalho do leitor, que, agora, se transforma em “autor”. Muda-se a forma de produzir. Muda, então, a função do chamado receptor. É o usuário que se serve, como deseja, dos produtos de consulta; pode escolher segundo os seus gostos e desejos. Assim, especialmente a hipermídia favorece o desenvolvimento da interatividade de forma extraordinária. Trata-se não apenas de uma “novidade” a mais no mercado, e sim de novas linguagens que já se encontram, progressivamente, na área da educação. Podemos perceber isso através dos cursos a distância que estão proliferando de forma crescente em todo o país. Chegamos a uma etapa na qual cada pessoa se transforma em um “nó” comunicativo coligado a todos os outros. Nessa perspectiva, não se poderá mais viver senão “em rede”.

Na *fase industrial*, e como *característica da modernidade*, temos a *cultura de massa*, como uma “profusão ilimitada dos signos”. Ligada ao processo de desenvolvimento industrial e urbano, a comunicação de massa inicia a produção de um produto industrializado e hegemônico. Consequentemente, temos uma cultura hegemônica. Nesse contexto, a comunicação de massa *se transforma em produção e transmissão* de formas simbólicas. É uma grande mudança, profunda, na sociedade, porque a comunicação de massa, como forma simbólica, começa a mediar a “cultura moderna”. É a fase industrial.

Já na pós-modernidade, a comunicação chegou a constituir-se como uma nova ambiência, um conjunto de valores, uma forma nova de viver, de nos movimentar, de nos socializar. E isso é, do ponto de vista antropológico (nossas crenças, nossos estilos de vida, nossos costumes etc.), uma cultura midiática, ou seja, a comunicação que realmente se constitui em um elemento articulador que gera, administra, sustenta, desenvolve e ancora todos os aspectos de vida/sociedade que vivemos na sociedade contemporânea.

Para Antonio Spadaro, as recentes tecnologias digitais não são mais somente *tools* (ferramentas), isto é, instrumentos completamente externos ao nosso corpo e à nossa mente. “Os modernos meios de comunicação há tempo fazem parte dos instrumentos comuns através dos quais as comunidades eclesiais se expressam, entrando em contato com o seu próprio território e estabelecendo, muitas vezes, formas de diálogo mais abrangentes”. Foi o próprio Bento XVI, em sua mensagem para o Dia Mundial das Comunicações de 2010, a declará-lo.

Já é consenso entre os pesquisadores que a internet está mudando, sim, nosso modo de pensar e de viver a fé na contemporaneidade. “Se a internet está mudando nosso modo de pensar, ela não estará modificando a nossa forma de pensar a fé? Está alterando nosso modo de pensar e viver a experiência da Igreja? Está transformando a nossa maneira de ler a Bíblia?”.

Segundo Spadaro, as redes sociais não expressam um conjunto de indivíduos, mas um conjunto de relações entre os indivíduos. “O conceito-chave não é mais a ‘presença’ na rede, mas a ‘conexão’: estando presente, mas não conectado, se está ‘só’. Se eu interajo, eu existo. O indivíduo entra na rede para experimentar ou ampliar de algum modo a proximidade/vizinhança. Deve-se, portanto, entender como o conceito de ‘próximo’ evolui a partir da rede.”

Importante perceber que a lógica da internet implica que o conhecimento passa pela relação. “A web 2.0 é uma rede de relações, o conteúdo não é comunicado através da transmissão, mas por compartilhamento. Se um conteúdo é transmitido, ele não é conhecido, mas se é compartilhado, sim. Exemplo: no meu blogue, se eu publicar e deixar apenas ali, poucos irão ler. Já tentei fazer isso. Mas se eu postar no Twitter, imediatamente mais de 2000 pessoas irão ler no mesmo dia” (SPADARO, 2012).

Conclusão

Gostaria de concluir, retomando a expressão com que iniciei esta exposição: a comunicação



como elemento articulador das mudanças na sociedade. Há um ponto luminoso que nos incentiva e que apresentou à Igreja um modo original de evangelizar: o bem-aventurado Tiago Alberione, fundador da Família Paulina no início do século XX, que intuiu o significado e a importância da comunicação como “eixo” sobre o qual se movem as pastorais e as dinâmicas. Alberione introduz na Igreja um carisma pastoral: evangelizar com a comunicação. E a comunicação se torna o “eixo” dinâmico da ação pastoral da Igreja.

E concluo com as palavras do presidente do Pontifício Conselho para as Comunicações (Vaticano), D. Carlo Maria Celli, na sua intervenção no último Sínodo sobre a Nova Evangelização, 2012:

A nova evangelização nos pede de estarmos atentos à “novidade” do contexto

**“Essa ‘revolução’
impulsiona a Igreja a
uma espécie de revisão
pastoral e cultural, a
fim de ser capaz de
enfrentar de maneira
apropriada a passagem
de época que estamos
vivendo.”**

cultural no qual somos chamados a anunciar a Boa-Nova de Jesus Cristo; mas também à novidade dos métodos [...] Estamos vivendo momentos de profundas mudanças na comunicação. Elas são visíveis no que diz respeito à técnica. Mas na *cultura* são mais significativos ainda.

Não podemos simplesmente fazer aquilo que sempre fazíamos e como fazíamos com as tecnologias. Hoje, mais do que nunca temos necessidade de audácia e sabedoria para evangelizar. Então, primeiramente, fazer atenção que a Boa-Nova deve ser proclamada também digitalmente. E o outro desafio é mudar o nosso estilo de comunicação. Devemos ocuparmos, sobretudo, da questão da *linguagem*. No fórum digital, há o espontâneo, o interativo e o participativo. Estamos aprendendo a superar o modelo do púlpito. ●

Referências

ALBERIONE, Tiago. UCBS, A. 8, 20 de agosto de 1925, p. 3-4, em *La primavera paolina*, p. 680.

_____. *Anotações de Teologia Pastoral*, p. 92-93.

BENTO XVI. “Mensagem para o 44º Dia Mundial das Comunicações”, 2010.

CNBB. *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*. Documentos da CNBB, 2014.

GOMES, Pedro Gilberto. Entrevista à *IHU On-line* (Revista do Instituto Humanitas Unisinos), abril de 2009, edição 289.

JOÃO PAULO II. “Mensagem para o 35º Dia Mundial das Comunicações Sociais”, 2001.

_____. *Redemptoris missio*, n. 37.

_____. *O rápido desenvolvimento*, n. 3.

MORAES, Dênis de (org.). *Sociedade Midiatizada*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

PANDOLFI, Luca. “Nuovi Media e nuove mentalità di comunicazione”. Conferência proferida em Roma, outubro de 2012. Tradução da autora. Lucas Pandolfi, da diocese de Roma, professor de Antropologia Cultural e Sociologia da religião na Pontifícia Universidade Urbaniana, onde dirige o Centro de Comunicação Social.

SASSI, Silvio. “O Carisma Paulino é pastoral”. Roma, 20/08/2013.

SODRÉ, Muniz. “A interação humana atravessada pela midiatização”. Entrevista à *IHU On-line* (Revista do Instituto Humanitas Unisinos), abril de 2009, edição 289.

_____. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.

Também em MORAES, Dênis de (org.). *Sociedade midiatizada*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.



Conversão pastoral: desafios de renovação da Igreja

João Décio Passos*

A Igreja se faz na ação concreta no mundo como sinal e instrumento do Reino de Deus. Para essa missão é que ela existe com suas tradições, celebrações e estruturas. Por essa razão, a Igreja se renova à medida que se encarna nas diversas realidades, buscando ser fermento e luz, servindo como Jesus Cristo serviu e dialogando com as diferenças que caracterizam os diferentes grupos humanos. A pastoral entendida como missão que nasce do próprio Evangelho, fonte e base do que a Igreja é e deve ser, constitui a busca de renovação permanente para as estruturas e para as linguagens que fazem parte da Igreja em cada tempo e lugar.

*Doutor em Ciências Sociais e livre docente em teologia. Professor do Departamento de Ciência da Religião da PUC-SP e do Instituto São Paulo de Estudos Superiores. É autor de diversas publicações, sendo seu último livro *Concílio Vaticano II – Reflexões sobre um carisma em curso*, publicado pela Paulus. Email: jdpassos@pucsp.br.



Toda renovação autêntica exige conversão de pessoas e estruturas, tendo em vista que individualidade e coletividade constituem dois aspectos de uma realidade única que é a vida humana. Converter significa optar por uma nova direção e, a partir desta, refazer os objetivos e as estratégias de ação e, em muitos casos, o próprio modo de ser. O convertido vive uma dinâmica permanente de conformar-se a uma direção escolhida e de reafirmar constantemente essa escolha como orientação fundamental de vida. O cristianismo se constituiu numa autocompreensão e, antes, numa prática de renascimento da pessoa na comunidade. O cristão é aquele que renasce em Jesus Cristo, tornando-se um homem novo (cf. Rm 6,3-11), explica o apóstolo Paulo. A Igreja foi a construção histórica dessa realidade nova – Boa notícia, *Evangelion*, em grego –, vivenciada como fundamento primeiro; foi a comunidade de renovados e em permanente renovação na atualidade do dom oferecido por Jesus Cristo. Os formatos institucionais agregados progressivamente a essa realidade misteriosa primeira vieram de dentro dela própria e também de fora, do entorno social, cultural e político. De dentro, à medida que o tempo passa e se torna necessário organizar de maneira mais definida a comunidade; quando a comunidade empresta os modos de organização da sociedade greco-romana e, posteriormente, do próprio Império Romano.

E não faltaram, ao longo da história, movimentos permanentes de renovação eclesial, de retorno àquela fonte original que caía na rotina e se tornava menos visível e operante. Com esse ideal e dinâmica, foram fundadas as comunidades de vida monástica e as ordens religiosas, fizeram ouvir tam-

bém suas vozes místicos e teólogos, e foram convocados muitos Concílios, de modo explícito o último grande Concílio. A história mostra que a renovação faz parte da dinâmica da Igreja, muito embora se possa constatar uma força de conservação afirmada e reproduzida pela instituição que vai se tornando mais estruturada e rígida, em nome da verdade e da unidade da fé.

A pastoral é a razão de ser da Igreja, e não o contrário. É por causa da missão pastoral que a Igreja existe: é enviada a anunciar a vida de Jesus Cristo a todos os povos,

para que todos a tenham plenamente (cf. Jo 10,10). Por essa razão, a Igreja se organiza em suas estruturas e funções, afina sua linguagem e sua solidariedade, avalia e revê suas formas de agir e de pensar. Isso significa dizer que a Igreja não está no centro do anúncio da vida de Jesus Cristo, mas a serviço dele.

Para tanto, deve vigiar-se para

não cair na tentação do eclesiocentrismo, forma de infantilismo eclesial que só pode ser superado quando se abre para o outro e, no diálogo, constrói com ele novas condições de vida pautadas no amor. O papa Francisco tem falado na necessidade de os pastores terem “cheiro de ovelhas”. O serviço e o diálogo são as atitudes fundamentais da conversão pastoral em nossos dias de modernidade avançada, marcada pelo individualismo e pela busca do maior bem-estar com o menor esforço. A atitude pastoral é, nesse contexto, resistência, testemunho e ação que, em ponto pequeno, provoca transformações, ainda que, muitas vezes, quase imperceptíveis e incontabilizáveis (cf. EG, 279-280). À medida que a Igreja, todo o povo de Deus, se converte pastoralmente, ela modifica o mundo e modifica, antes de tudo, a si mesma.

“Não faltaram, ao longo da história, movimentos permanentes de renovação eclesial, de retorno àquela fonte original.”



1. A renovação da Igreja

A Igreja fiel à sua origem está sempre em renovação – *ecclesia semper reformanda*, repetiam e repetem os reformadores. Essa afirmação é mais que um princípio ou uma frase de efeito que possa ser bem acolhida em alguns contextos eclesiais, como em boa medida no contexto atual. Para muitos defensores da preservação da instituição, ela significa não mais que um princípio de renovação espiritual dos fiéis, e não uma postura de renovação institucional, coisa que poderia beirar o propósito do protestantismo no século XVI. Para outros, o correto seria apenas uma *re-forma* da Igreja (mudança de forma que preserva a essência), e não uma renovação que implicaria mudanças radicais e estruturais. Em qualquer um dos casos, a pergunta pelo que preservar e pelo que mudar permanece na teoria e na prática em todo intento reformador que emerge na Igreja. A pergunta por aquilo que é essencial não fica, de qualquer modo, dispensada e, quase sempre, suscita acalorados debates. Tratar-se-ia de manter as estruturas institucionais intactas e mudar as estratégias evangelizadoras? Ou, de modo oposto, de uma renovação a partir da própria estrutura? Ou, ainda, de modo mais radical, de uma reforma da própria essência, uma vez que esta pode estar desgastada ou ter sido perdida no decorrer do tempo? Há quem afirme, nas pegadas da filosofia grega, que uma essência não se perde, precisamente por constituir a natureza estável de determinada coisa. Contudo, a essência da Igreja não pode ser concebida à maneira grega, como ideia platônica ou como forma aristotélica, donde derivariam, de fato, as qualidades da estabilidade e da imutabilidade. Ela é um carisma presente na história e, nessa concretude, torna-se mistério vivo e real; trata-se de um dom vivenciado nas condições reais da história como escolha livre de

cada fiel que se agrega a uma comunidade e, nessa relação intersubjetiva, se faz comunhão. A comunidade eclesial constitui essa comunhão e mistério como povo concreto, como povo de Deus, nos ensina o Vaticano II (cf. *Lumen Gentium*, cap. I e II).

Mas o povo de Deus é santo e pecador; é luta entre o homem velho e o homem novo (cf. Cl 3,5-11) e pode perder o dom original e se desviar do caminho; é quando uma comunidade eclesial deixa de ser eclesial e se torna uma associação qualquer, ainda que em nome de princípios e práticas religiosas. É nesse sentido que, desde as suas origens, a comunidade cristã entendeu que era possível fazer o caminho de volta, reconciliar-se com o dom original, refazer-se como indivíduo e como comunidade a partir do dom original oferecido por Jesus Cristo.

No caso de uma perda da essência, ou do carisma fundante, a renovação eclesial significa a Igreja voltar às origens, ao carisma em *status nascendi*, para que seja fiel à própria razão de ser. A história mostra que é possível perder o essencial em troca do acidental, ainda que, do ponto de vista dogmático, se deva afirmar que a fonte divina da Igreja é, por si mesma, imperdível, uma possibilidade permanente de “refontalização”. O retorno permanente às fontes significa sempre uma retomada da essência ou do fundamento, atividade ao mesmo tempo hermenêutica e política, ou seja, que interpreta de novo sobre o significado das fontes e, desde então, busca os modos operacionais de aplicá-la em cada época e lugar. Também, de sua parte, a sociologia explica os processos de renovação como inerentes aos movimentos históricos, particularmente aos movimentos religiosos. Estes nascem a partir de uma oferta de carisma por parte de um fundador que se apresenta habilitado para tal: como portador de um dom extraordinário que permite romper com a rotina da história em implantar o novo (cf. WEBER, 1997, p. 193-197). Porém, a rotina que



segue à irrupção do carisma proporciona tanto o movimento de institucionalização, ordem que pretende guardar e transmitir com segurança e legitimidade o carisma, quanto o movimento de retorno ao carisma, sobretudo no momento em que a instituição entra em crise seja pela luta interna de seus sujeitos, seja pelo desgaste de suas estruturas e regras (cf. WEBER, 1997, p. 196-197).

A Igreja em processo de renovação

A renovação da Igreja é um movimento nem sempre operante e visível, tendo em vista, no caso da Igreja católica, as estruturas fortemente consolidadas, o ponto de vista organizacional e o ponto de vista da fundamentação teológica. Uma teologia da Igreja que identifica a sua fonte com a sua organização, o carisma com a instituição, o dom da comunhão com as estruturas administrativas, pode levar à ilusão de uma Igreja fixa e perene, sem lugar para o mistério sempre presente e provocador do novo. Nessa perspectiva, a crise da instituição deve ser vista como graça, como possibilidade de renovação na força do Espírito que sopra onde quer e que renova o que está envelhecido. De fato, a pergunta pela essência da Igreja sugere uma saída que busca de dentro dela mesma aquilo que a constitui como fundamento de onde se retiram os elementos para a sua renovação. Toda tradição constitui, nesse sentido, o vínculo que liga a ordem presente ao carisma fundante, do contrário trai-se o próprio passado em nome do presente.

Na longa tradição cristã, vivemos, de fato, em nossos dias uma temporalidade de renovação, ainda que sob tensão e luta pelo sentido do significado e dos rumos dessa renovação (cf. FAGGIOLI, 2013). O Vaticano II

inaugurou a era da renovação da Igreja, ao colocá-la em diálogo permanente com o mundo presente. O papa João XXIII idealizou e encaminhou o Concílio como propósito de *aggiornamento* da Igreja ao mundo moderno. Era preciso, acreditava, revelar ao mundo contemporâneo a verdadeira substância da fé, sabendo, pois, que uma coisa era a substância da fé e outra o seu modo de formulação (cf. “Discurso inaugural”). Os tempos pós-conciliares conheceram uma afirmação crescente da visibilidade institucional da Igreja e da unidade da formulação doutrinal

“A crise da instituição deve ser vista como graça, como possibilidade de renovação na força do Espírito que sopra onde quer e que renova o que está envelhecido.”

e a centralidade das decisões eclesiais, retomando padrões próximos de Trento e do Vaticano I (cf. LIBANIO, 1984; FAGGIOLI, 2013). Pode-se falar hoje, com maior clareza, de uma renovação interrompida que, a partir do governo central da Igreja, transformou as decisões conciliares em um detalhe, talvez pouco importante, dentro da longa tradição católica. A partir do carisma conciliar, as forças de renova-

ção e de conservação se misturaram nas posições e nas práticas eclesiais pelo mundo afora (cf. PASSOS, 2014, p. 31-84). Mas a retomada das fontes conciliares, de seu carisma fundamental emergiu novamente em “flor de inesperada primavera” (JOÃO XXIII), quando já se contava com uma hermenêutica definitiva sobre o Vaticano II, nos termos acima descritos. De dentro da tradição estável emergiu uma crise e, por conseguinte, aos borbotões, um clamor por reformas urgentes na Igreja. O papa Francisco é eleito como programática de reforma da Igreja (cf. PASSOS-SOARES, 2013).

Para os que se calaram na perplexidade da renúncia de Bento XVI e na aparição do novo papa, nitidamente renovador nas atitudes e palavras, o papa Francisco fala hoje,



em sua Exortação (2013), de uma “renovação inadiável” da Igreja a partir do “coração do Evangelho” (EG 27; 34). A essência da Igreja vem, pois, da concordância com o Evangelho; nasce da identificação com a vida que jorra do próprio Cristo vivo na história, presente em cada irmão e, de modo particular, nos mais pobres. A alegria do Evangelho se constitui precisamente nessa oferta que se torna, por si mesma, capaz de renovar tudo na Igreja. A pergunta pelo significado e pelos rumos da Igreja sob o pontificado franciscano permanece ainda sem respostas claras e definidas e, hoje, sem dúvidas, sob o signo de uma luta hermenêutica que recoloca em trincheiras disfarçadas renovadores e conservadores.

1.2. A renovação da instituição a partir do carisma

A história das religiões mostra que a rotina do carisma pede a instituição. À medida que passa o tempo, o carisma pode “rotinizar-se”, explica Max Weber (1997, p. 199-200), de forma que a organização das regras e funções aparece como estratégia de preservação daquela graça original. Porém, a crise e a rotina podem abater-se igualmente sobre a instituição. O desgaste da instituição pode, então, sufocar o carisma em nome de si mesma, de sua própria constituição estrutural e funcional. Em termos teológicos, trata-se do eclesiocentrismo ou da Igreja autorreferenciada, de que fala o papa Francisco. A sequência carisma-rotina-instituição compõe a lógica da formação das instituições de um modo geral, no processo de racionalização que rege a história, segundo Weber (cf. 1996, p. 11). Contudo, a sequência instituição-crise-carisma significa o caminho de volta às origens. Esse processo faz parte da mesma racionalização, jamais unilinear, mas, ao contrário, tenso e marcado por buscas de sentido capaz de revigorar os percur-

sos humanos e de operar mudanças históricas. Não se trata de anarquismo político ou carismático, mas da busca da organização mais coerente com as origens ou com o carisma em *status nascendi*, do qual veio determinada organização institucional. Assim ocorre o nascimento dos movimentos renovadores no decorrer da história humana: quando a rotina institucional já não responde por si mesma por sua existência e permite a emergência de figuras que propõem uma nova condição de vida como dom extraordinário que rompe com o peso do cotidiano.

O cristianismo vivencia essa tensão como dinâmica permanente e constitutiva que o faz sempre voltado para fora de si mesmo, para sua fonte; sempre provisório na história que passa na busca do mistério que o constitui. A Igreja é, ao mesmo tempo, o cristianismo em busca de si mesmo; a comunidade que se direciona para o seu fundamento primeiro e a instituição que se estrutura para vivenciar de modo responsável o dom de que é portadora. O carisma cristão é um dado sempre atual e provocante, que chama de novo para si como verdade e bondade salvífica. A tensão entre preservar e renovar é, portanto, inerente ao cristianismo, donde se explicam tanto as rupturas que geram novas igrejas, os movimentos renovadores internos e a luta entre os avançados e os conservadores no seio de mesma comunidade de fé.

1.3. O renovar-se a partir do Evangelho

O carisma tem nome e conteúdo dentro da comunidade cristã. O Evangelho vivo é a origem permanente da Igreja (cf. EG 34), ou seja, seu começo e sua continuidade: a fonte de onde jorra a força e a regra para toda a organização da Igreja. Essa é a razão de a Igreja estar em renovação permanente. Em termos sociológicos, trata-se de um ca-



risma que constitui a base da instituição. A instituição – as estruturas, as regras, as funções e os papéis – é toda construída para preservar e transmitir o carisma no decorrer do tempo e em cada espaço. Sem o carisma, a instituição perderia sua razão de ser. O cristianismo constitui um tipo de movimento que, por se tratar de uma atualidade permanente de salvação por meio da presença pneumática de Jesus Cristo na história, não permite congelamentos institucionais nem em nome do passado, nem em nome da organização burocrática presente. A legitimidade da Igreja vem de seu carisma: o Cristo vivo, que inclui em si mesmo, de modos diferenciados, todos os seus discípulos, todos os homens e todo o universo.

A Igreja se renova a partir dessa fonte não somente no sentido litúrgico, mas também no sentido sociocomunitário e no sentido institucional. Somente assim pode ser entendida como o Corpo de Cristo na história, como Corpo vivo de ungidos pelo Espírito na comunidade de distintos na unidade (1Cor 12-15).

A Igreja que, em nome da preservação de algum modelo institucional do passado, não se renova torna-se conservadora, fixada em uma época, e fundamentalista, ao justificar essa época como seu fundamento sagrado. Em nome do dom da salvação vivenciado na fé, no amor e na esperança, na comunidade, tudo deve ser renovado e, em boa medida, reinventado. “O Concílio Vaticano II apresentou a conversão eclesial como a abertura a uma reforma permanente de si mesma por fidelidade a Jesus Cristo: ‘Toda renovação da Igreja consiste essencialmente numa maior fidelidade à própria vocação. [...] A Igreja peregrina é chamada por Cristo a essa reforma perene. Como instituição hu-

mana e terrena, a Igreja necessita perpetuamente dessa reforma” (EG 25).

2. A conversão pastoral

A ideia de conversão pastoral soa paradoxal, sabendo que ela faz parte da vida da Igreja. Ora, só se fala em conversão sobre algo que precisa de mudança de rumo. O conceito apresentado pelo papa Francisco se insere em seu propósito de reforma da Igreja. A Igreja em saída tem de se converter em seu modo de agir e, por conseguinte, em seu modo de ser. A conversão pastoral é, nesse sentido, mudança estrutural e metodologia da Igreja. Mas, nesse processo de renovação que permanece em curso na Igreja, qual o lugar da pastoral? É preciso lembrar que, na luta pelo sentido autêntico das renovações conciliares, a criatividade pastoral das primeiras décadas conhe-

ceu a rotina nas décadas seguintes, bem como um crescente controle por parte dos organismos da Cúria Romana. A Igreja viveu uma “conversão institucional”: uma volta à identidade universal no âmbito das práticas e das ideias, em nome da ortodoxia e da tradição, por meio da afirmação sempre maior da centralidade eclesial da hierarquia. Um modelo de Igreja marcada essencialmente pela comunhão dos iguais em franca distância das diferenças inerentes ao mundo moderno se fez presente por meio de sujeitos e mecanismos eclesiais. E a pastoral tomou rumos decorrentes desse modelo, adquirindo características ora de reprodução da endogenia católica, ora de reprodução dos modos individualistas da cultura de consumo e, ainda, de persuasão de massas.

A conversão pastoral significa o modo de praticar o Evangelho no tempo e no espaço; constitui a ação que faz a própria Igre-

“O carisma cristão é um dado sempre atual e provocante, que chama de novo para si como verdade e bondade salvífica.”



ja como mediadora do carisma da salvação; o caminho de volta ao poço da água viva (cf. Jo 4,11-15) e a busca da identificação com o Mestre Pastor. A Igreja em saída (cf. EG 20) não se acomoda em suas estruturas institucionais; se faz peregrina no seguimento de Jesus e vai ao encontro dos que mais necessitam de sua solidariedade. Nesse sentido, a prática mais planejada ou estratégica identifica-se substancialmente com a espiritualidade do seguimento do Pastor. Viver em Cristo é agir nele. E a Igreja pode repetir com o apóstolo Paulo: “Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). A conversão pastoral se torna, nesse sentido, o caminho de renovação da Igreja. Pela via de identificação com o Pastor, a Igreja se desfaz de suas carapaças estruturais, de seus apetrechos estéticos e de seus poderes políticos. A via prática parece ser, antes de tudo, o caminho adotado por Francisco em seu ministério e para o qual convida toda a Igreja. É do testemunho e da vivência concreta que podem vir as mudanças. Vale lembrar que as filosofias de raiz realista sempre postularam a precedência da prática em relação às ideias. As ciências humanas afirmam que, antes de se mudar uma estrutura jurídica, teórica ou política, mudam-se as práticas históricas. A Igreja em saída se lança numa postura missionária que, pela força da coerência com o anúncio concreto do Evangelho (vivenciado, testemunhado e pregado), conduz a Igreja às reformas inadiáveis. Na força do anúncio é que as estruturas caducas podem e devem ser superadas. Jamais pela discussão teórica de modelos ou de ideias, mesmo que de ideias teológicas.

E o convite à renovação é feito a todo o povo de Deus, como deixa claro o papa. A Igreja deve renovar-se por inteiro, da hierarquia às bases, das estruturas às posturas pessoais, da estrutura burocrática às linguagens. O povo de Deus nasce do próprio

Eu! Falando em público? **Sim. Agora é a sua vez.**

Jakson de Alencar



A oratória é desmitificada nesta obra voltada para aqueles que se sentem inseguros ao falar em público. O entendimento e a prática são facilitados através de depoimentos, com orientações e técnicas. Silvio Luzardo de Almeida Mello é graduado em Direito e pós-graduado em psicopedagogia e adotou a práxis de Lev Vygotsky para desenvolver seu método de atuação e ensino de fala pública. “Abra este livro com a sua Chave Mestra. Ela é única, especial e poderosa. Conheça os caminhos da superação pessoal através da expressão verbal e gestual. Descubra episódios emocionantes que mudaram a vida das pessoas.”

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 5087-3625

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





Evangelho vivenciado na comunidade dos seguidores de Jesus, não nasce como descendente de uma hierarquia que se exercita a partir de um epicentro sagrado, de onde provém a possibilidade da graça; não se identifica com a organização histórica da comunidade eclesial, expressa em modelos institucionais, e não nasce, por fim, do aglomerado de fiéis, indivíduos agregados em torno de um ideal. O povo de Deus é constituído a partir da acolhida de Jesus Cristo vivo presente no amor que gera a comunhão dos seguidores de Jesus.

A Igreja em busca permanente de sua fonte

Contudo, a conversão pastoral permanente tem suas exigências e seu preço. O mundo atual faz convergir no mesmo projeto consumista as posturas individualistas que afirmam a busca incessante de bem-estar, incluindo como arremate mais profundo o bem-estar espiritual, com as posturas tradicionalistas que afirmam segurança em sistemas comunitários tradicionais e seguros de sua identidade. Ocorre, nesse caso, um encontro aparentemente curioso entre o mais moderno individualismo com o mais pré-moderno institucionalismo, sabendo, contudo, que se trata, na verdade, de um arcabouço seguro de ordem que abriga em seu seio as posturas de bem-estar individual que dispensam a dolorosa busca espiritual marcada pela autonomia radical, pela construção pessoal de um percurso espiritual e pela referência ao outro como parâmetro de vida moral comunitária. Sem esses valores e vivência, não há *ecclesia* de Jesus, mesmo que haja uma instituição assentada sobre tradições consolidadas e estruturada em um corpo burocrático orgânico e funcional.

O preço da conversão pastoral da Igreja é a opção pela construção de si mesma no serviço mútuo, no diálogo que busca a verdade nas diversas alteridades e no aprofundamento do seguimento de Jesus Cristo em cada tempo e lugar, sem as seguranças da instituição ou dos aparelhos burocráticos eficazes. É viver sem ouro nem prata, viver sempre a caminho do Reino e na busca da identificação mais perfeita com o Mestre. Tudo isso significa lançar-se na busca permanente da verdade e da vida que se mostra sempre incompleta e provisória, jamais se-

gura e definitiva. A fé cristã é um exercício de liberdade que se abre para um mistério que não se deixa aprisionar em nenhum conceito definido ou em uma estrutura fixa e acabada. É “caminho, verdade e vida” (Jo 14,6), e não essência definida e instituição pronta. É vivência do amor que busca concretizar-se em modos co-

“A via prática parece ser, antes de tudo, o caminho adotado por Francisco em seu ministério e para o qual convida toda a Igreja.”

muns de vida, porém sem “cidade permanente” (cf. Hb 13,14). É dentro do provisório que o cristianismo constitui um caminho de vida que se constrói no seguimento. Ser discípulo é seguir o caminho do Mestre a cada dia (cf. Mt 10,24-25; Lc 9,23-24).

A conversão pastoral é, nesse sentido, ruptura e resistência ao que propõe como segurança e felicidade a sociedade atual e que o papa Francisco denominou como mundanismo (cf. EG 93-97). Converter-se pastoralmente é simultânea e inseparavelmente abrir-se para a realidade imanente, concreta e imediata e para a realidade transcendente, espiritual e mediada pela fé; é de dentro da concretude da vida humana que emerge a vida do espírito, que se faz a experiência do Cristo vivo em cada ser humano, de modo particular nos mais pobres, presença do humano mais singular, desvestido de todo e qualquer acréscimo que o qualifique materialmente.



2.2. O discernimento dos sinais dos tempos

A história é o lugar da vivência da fé e nela a Igreja se lança no discernimento dos sinais dos tempos, como ensina o Vaticano II na *Gaudium et Spes*: “para desempenhar tal missão, a Igreja, a todo momento, tem o dever de perscrutar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, de tal modo que possa responder, de maneira adaptada a cada geração, às interrogações eternas sobre o significado da vida presente e futura e de suas relações mútuas” (n. 4). A história se torna lugar onde Deus fala e, portanto, lugar em que a Igreja busca a verdade. A leitura de fé da história tem uma raiz teológica, o Espírito de Deus ali está presente. “Movido pela fé, conduzido pelo Espírito do Senhor que enche o orbe da terra, o povo de Deus esforça-se por discernir nos acontecimentos, nas exigências e nas aspirações de nossos tempos, em que participa com outros homens, quais sejam os sinais verdadeiros da presença ou dos desígnios de Deus” (n. 11). O povo de Deus, ou seja, toda a Igreja, se esforça por discernir os desígnios de Deus na história. Nesse exercício se incluem o discernimento das linguagens modernas das ciências e do progresso por meio da Palavra divina, para que possa, por meio delas, exprimir melhor a mensagem de Deus ao mundo de hoje (cf. n. 44).

A conversão pastoral é consciência do lugar da Igreja na história e de sua missão de dialogar com cada época e lugar e, por meio desse diálogo, auscultar a palavra viva de Deus. Ao sair de si mesma e voltar-se para fora: para o outro, para a cultura, para os pobres, para o mundo etc., a Igreja se faz seguidora de Jesus Cristo, que vive no presente pela força do Espírito. Essa postura rompe com todo tipo de fechamento e estagnação da Igreja em si mesma; constitui o primeiro passo da conversão pastoral, a par-

tir do qual se pode pensar nas ações pastorais concretas, desde a mais íntima até a mais exterior ou avançada.

O mundo não somente está prenhe dos sinais de Deus, fala de seus desígnios, como também se torna o parâmetro necessário para a Igreja compreender a sua missão e cada tempo e lugar, o que significa superar todas as formas de fixação no passado, na tradição ou mesmo em uma hermenêutica literal e fundamentalista que considera como fonte de sentido somente um texto que vem do passado e que se identifica em sua forma literal com a Palavra de Deus. O mundo constitui, assim, uma referência de sentido para a Igreja; a igreja toma consciência de si mesma e de sua missão na conformidade com a Palavra de Deus e, por conseguinte, no exercício do diálogo com as linguagens que vêm do mundo, até mesmo com aquelas linguagens distantes da linguagem usual da Igreja, como as ciências modernas.

2.3. O significado espiritual-social

A superação das dicotomias é inerente à conversão pastoral. Trata-se de uma atitude fundamental do cristianismo, decorrente do mistério-dom da encarnação que liga definitivamente o divino ao humano. O cristianismo rompe com a distinção/oposição entre sagrado e profano constitutiva das religiões de um modo geral (cf. ELIADE, 1999). Amor a Deus e amor ao próximo não constituem atitudes opostas nem distintas, ensina São João (1Jo 4,7-21). As dicotomias entre Deus e os homens constituem mentiras para o cristianismo. No entanto, paradoxalmente, o cristianismo herdou dicotomias profundas que ainda hoje estão presentes nas ideias e nas práticas: oração versus ação, espiritual versus material, corpo versus alma, espiritualidade versus social, Igreja versus mundo etc. Essas oposições criam falsas espiritualidades e falsas posturas pastorais,



espiritualidades intimistas e sobrenaturais, pastorais eclesiocêntricas e desencarnadas. O princípio da encarnação é a fonte da transitividade, da relação e da comunhão entre esses aparentes opostos. A pastoral é a ação concreta do diálogo e do serviço da Igreja no mundo onde encontra com Cristo no outro, como exorta Francisco: “entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até a humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo” (EG 24).

As dimensões espiritual e social, muitas vezes entendidas e vivenciadas equivocadamente como polos opostos, constituem, do ponto de vista da fé cristã, uma única e inseparável realidade, onde se dá o encontro concreto entre Deus e o ser humano. O compromisso social é decorrente da profissão de fé no Pai (que ama cada ser humano), no Filho (que assumiu nossa carne) e no Espírito Santo (que une a todos). A redenção tem um sentido social. No irmão, “está o prolongamento da Encarnação para cada um de nós” (EG 179).

Na teologia da encarnação se encontram indissociavelmente espiritualidade e materialidade, se encontram a teologia do mundo e da Igreja, como consequência madura das orientações conciliares contidas na *Lumen gentium* e na *Gaudium et spes*. Nessa mesma teologia, os pobres se tornam presença concreta do Cristo sofredor; neles a concretude do amor adquire sua máxima expressão.

A Igreja que se recolhe em sua estrutura existe para si mesma e trai sua essência, ainda que em ações julgadas espiritualmente puras e perfeitas. O recolhimento na individualidade pode ser igualmente a morte da Igreja, ainda que em nome de vivências místicas de intimidade com Deus.

3. A prática do serviço

A pastoral entendida e assumida como missão encarnada da Igreja faz a mudança por dentro da vivência da fé: como identificação com Cristo no outro que se apresenta e que se achega sem hora marcada, sem credenciais morais e confessionais, e sem oferecer nada em troca. Esse outro é, antes de tudo, o ser humano desnudado de seus direitos, os pobres e os excluídos, mas é também a alteridade cultural que carrega dentro de suas ambiguidades as sementes do Verbo. A prática autêntica

começa, portanto, no coração, se faz na cordialidade entre os semelhantes e na misericórdia para com todos. Esse é o coração do Evangelho, o coração da comunidade eclesial e deverá ser o coração da sociedade. No encontro que supera as diferenças, na solidariedade que vence os isolamentos e na fraternidade que liga as distâncias, a pastoral se realiza, rompendo com todos os dualismos. A con-

versão pastoral exige, portanto, as experiências de curtição e bem-estar espiritual, a mecânica da ação planejada, que executa os objetivos de uma instituição e a transformação estratégica de condições sociais carentes e desumanas. Qualquer isolamento em uma dessas direções nega o Pastor que nos chama a pastorear consigo, mesmo que afirme rituais piedosos e serviços dedicados à estrutura da Igreja.

A prática pastoral realiza a missão da Igreja, fazendo-a sair de si mesma para servir até as periferias humanas (cf. EG 20). O serviço ao ser humano constitui a Igreja, e é a única razão de ser de toda e qualquer ação que realize. A estrutura eclesial existe para servir, e não para se autopreservar, ensina o papa Francisco. “A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas

“A Igreja que se recolhe em sua estrutura existe para si mesma e trai sua essência, ainda que em ações julgadas espiritualmente puras e perfeitas.”



elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária, em todas as suas instâncias, seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de 'saída' e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade" (EG 27).

Do ponto de vista da transformação ou da renovação, a Igreja constitui um curioso paradoxo, uma vez que carrega como sua origem o germe da própria mudança de tudo o que constrói como organização institucional. Sua história mostra, por essa razão, a força da conservação que busca afirmar a ligação direta entre as construções institucionais do presente e as origens do passado, sob a regra do "sempre foi assim"; legitimam-se, assim, as concepções, as regras e as funções como fundadas diretamente no carisma (na decisão de Jesus, na vontade de Deus). O resultado final é uma teologia da instituição, uma eclesiologia que inclui no mesmo sistema teológico todas as construções institucionais numa espécie de sacralização generalizada de certos costumes (o latim, a música, os estilos arquitetônicos, os vestuários litúrgicos etc.). Por outro lado, a mesma história revela a força da renovação, primeiro por aqueles que estão menos comprometidos com os costumes e os papéis institucionais, o povo. O povo assimila, em suas práticas de fé, o que é prático, sem preocupações com coerência de ideias ou fidelidade à disciplina moral e litúrgica oficial. Assim se explicam os sincretismos, troca espontânea do mais complexo e abstrato pelo mais simples e prático. E a Igreja transformou muitos hábitos a partir desse processo no decorrer de sua história. A força de renovação pode vir também da parte dos que se propõem a pensar a fé por meio da teologia. Não faltaram reformado-

res dessa estirpe. O exemplo mais típico é, por certo, a Reforma Protestante. Em certa medida se incluem entre esses os místicos que, não obstante a simplicidade e praticidade, provocaram mudanças, ainda que tópicas, a partir de concepções de vida defendidas como mais autênticas ao dom inicial. Mas há também força renovadora eclodida de dentro das hierarquias, por função defensoras da estabilidade da instituição, tais como algumas realizadas por sínodos e concílios. Caso dos Concílios de Trento e Vaticano II, da Conferência de Medellín etc. Nessa direção se incluem, evidentemente, os papas reformadores, tais como Gregório VII, João XXIII e, no momento, o papa Francisco. Quando isso ocorre, os resultados estruturais das reformas se tornam viáveis, pela força da legitimidade da autoridade que as conduz.

Na verdade, toda renovação só se conclui quando atinge a Igreja como um todo. Em termos sociológicos, quando ocorre socialização religiosa: a interiorização dos valores por parte do conjunto dos fiéis e do clero e, por conseguinte, a vivência dos mesmos valores pelo conjunto deles. Em outros termos, é quando a norma ou o valor se tornam cultura. Do contrário, a renovação pode permanecer na esfera da legalidade, localizada em lugares e sujeitos isolados, ou atingir apenas a superfície. As reformas da Igreja católica são, por essa razão, sempre lentas e heterogêneas: atingem de modo diferenciado as localidades e os sujeitos. Há sempre os que permanecem sob a regra dos velhos costumes, dentro ou fora da oficialidade eclesial. A história mostra essas divergências não somente nas reformas que romperam diretamente com a tradição católica, mas também dentro da própria Igreja.

As reformas pretendidas pelo papa Francisco não fugirão dessa lógica, não obstante carreguem a força do Magistério e da autoridade papal. De modo semelhante ao



que ocorreu com o papa João XXIII, ele se mostra acolhido, sobretudo para além das instâncias hierárquicas; suas ideias e práticas são acolhidas de modo simpático pelo povo de um modo geral, católicos, não católicos e até mesmo por não crentes. Entre o papa e o povo, posiciona-se o clero, de um modo geral, mas de modo decisivo o episcopado. Esse meio institucionalmente estabelecido e politicamente forte tem optado pelo silêncio e pela passividade, que pode ser visto como indiferença ativa, que aposta na inércia e na rotina das ideias, como oposição discreta que boicota com a chamada contraideologia, afirmando projetos opostos ou como adaptação fisiológica em nome de benefícios a receber ou a uma fidelidade cega e sem convicção.

**“Esse meio
institucionalmente
estabelecido e
politicamente forte
tem optado pelo
silêncio e pela
passividade, que
pode ser visto como
indiferença ativa,
que aposta na
inércia e na rotina.”**

A saída para o pastoreio coloca a Igreja em trânsito permanente para além de si mesma: para o mesmo encontro inseparável com Cristo e com o povo. Nessa dinâmica, a comunidade eclesial se renova, para ser servidora fiel do Mestre, abandonando suas seguranças institucionais, suas vaidades estéticas e suas ambições de poder. A renovação da Igreja pretendida e orientada pelo Vaticano II estará sempre em curso quando a misericórdia, o serviço e o diálogo forem as atitudes constantes que rejam todos os ministérios que compõem a Igreja, os ordenados e os não ordenados. Essa chamada do papa Francisco a todo o povo de Deus só se concretizará se houver conversão pastoral por parte de toda a Igreja: que sai permanentemente “da própria comodidade” (EG 20) para servir. ●

Referências

- Compêndio do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FAGGIOLI, Massimo. *Vaticano II: a luta pelo sentido*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- LIBANIO, João B. *A volta à grande disciplina*. São Paulo: Loyola, 1984.
- PASSOS, J. Décio; SOARES, Afonso M. *Francisco: renasce a esperança*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- PASSOS, J. Décio. *Concílio Vaticano II: reflexões sobre um carisma em curso*. São Paulo: Paulus, 2014.
- VELASCO, Rufino. *A Igreja de Jesus: processo histórico da consciência eclesial*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 1982.
- _____. *Economia e sociedade*. México: Fondo de Cultura Económica, 1997.
- _____. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Lisboa: Presença, 1996.

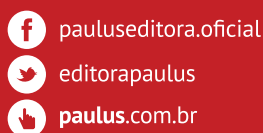
A palavra e a escrita sobre o Cristo em todos os vieses.



A coleção *Linguagens sobre Jesus* se detém em cada volume nas diferentes linguagens sobre Jesus Cristo. As linguagens são estudadas por seus períodos históricos, pela visão católica e suas figuras mais proeminentes e como ela é influenciada pelos tempos atuais.

VENDAS:

11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br



Democracia e comunicação unidas em duas obras da PAULUS

Em defesa de uma opinião pública democrática reúne o melhor de estudiosos dos campos políticos e comunicacionais, enriquecendo o que virá a ser a nova consciência política brasileira.



Liberdade de expressão aprofunda o que é liberdade de expressão e os modos de criá-la, garanti-la e promovê-la para que não seja atributo apenas de alguns poderosos meios de comunicação.

VENDAS:

11 3789-4000 | 0800-164011

vendas@paulus.com.br

 [pauluseditora.official](https://www.facebook.com/pauluseditora.official)

 [editorapaulus](https://twitter.com/editorapaulus)

 [paulus.com.br](https://www.paulus.com.br)

100
ANOS

PAULUS